EDUCAÇÃO
E CULTURA

2

resoluções do 1º congresso nacional de educação e cultura · Cuba ·

discurso de encerramento por Fidel Castro

editorial livramento

Resoluções do I Congresso Nacional da Educação e Cultura

Discurso de Encerramento por Fidel Castro

Resoluções do I Congresso Nacional da Educação e Cultura

Discurso de Encerramento por Fidel Castro

Coleção Educação e Cultura

volume 2

1ª edição: julho de 1980

Tradução: Orlando Jóia
Lino Rojas Perez

Revisão: Equipe Livramento

Composição: Compoarte Ltda.
tel.: 251-5550

Todos os direitos reservados conforme a legislação em vigor

Editorial Livramento
Av. Waldemar Ferreira, 174
Butantã – São Paulo – CEP 05501

Apresentação

A Editorial Livramento procurará, nesta Coleção Educação e Cultura, trazer ao público leitor uma ampla série de textos representativos, visando mostrar os principais movimentos e concepções do processo educacional e cultural no mundo – e, mais de perto, da América Latina – bem como buscando promover o debate, amplo e profícuo. Neste momento, em que em nosso país todo o nosso processo educacional – velho, autoritário e infeliz – é questionado, xecado e analisado, julgamos que este nosso esforço é mais do que necessário, é mesmo a razão de nosso trabalho. Esperamos que os textos desta coleção possam se tornar um real instrumento, uma real contribuição.

Estas *Resoluções do 1º Congresso Nacional de Educação e Cultura – Cuba* são o resultado de um amplo e democrático esforço dos responsáveis pela educação – alunos, professores, orientadores, governo, ministros; educadores, enfim – em um país que busca coletivamente renovar-se. Centenas de milhares de pessoas ligadas diretamente à educação deram suas pequenas, mas ao final incomensuráveis, contribuições. Pode-se, ao fim desse congresso, afirmar que o projeto dali elaborado representou a vontade nacional, a via escolhida pela nação; era o espelho das condições, dos recursos, da maturidade, da disposição da nação empenhada na construção pelo debate democrático.

No decorrer deste livro, algumas das soluções apontadas poderão ser encaradas de maneira diversa hoje, afinal, nove anos se passaram desde abril de 1971 – outros congressos já se realizaram, e procuraremos mostrá-los todos, em sua evolução. Se, por um lado, aos impermeáveis, aos deseducadores, que – por qualquer das críticas justas que se possa fazer a este trabalho – se afastam de um rico e democrático processo, lembramos que sua rejeição apenas defende a reprodução do velho, a morte, por outro, aos também impermeáveis deseducadores, que tentam acrítica e dogmaticamente a transposição mecânica de experiências de outros povos, sufocando já ao nascedouro o novo, lembramos que, longe de revolucionarem, alimentando a chama da vida, apenas a confinam, limitando-a ao espaço de um pré-juízo.

A todos estes lembramos ainda as palavras do poeta, exemplo de vida:

Caminhante, não há caminho; se faz caminho ao caminhar.

Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura

Os delegados ao Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, reunidos em Havana de 23 a 30 de abril de 1971, "Ano da Produtividade", adotam as seguintes

RESOLUÇÕES

Este Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura origina-se das colocações feitas pelo nosso Primeiro Ministro, Comandante Fidel Castro, na Assembléia de Trabalhadores do Ensino de Havana sobre a necessidade de analisar e resolver problemas levantados naquela ocasião.

Em sua convocatória, o Congresso se propôs os seguintes objetivos:

- coletar as manifestações concretas da problemática educacional em todos os níveis e tipos de ensino;
- conhecer os fatores que afetam a atividade dos trabalhadores da educação;
- propiciar a oportunidade para que, com a contribuição criadora das massas, se promova o estudo dos problemas que requerem uma análise contínua, sistemática e profunda para seu solucionamento;
- apresentar propostas que possam servir de base para a elaboração de nossa política educacional.

Com este propósito, realizaram-se inúmeras reuniões de base, congressos preparatórios municipais, regionais e provinciais, convidando-se o povo a expressar idéias e projetos relacionados à educação ou áreas afins.

Proclamamos, com satisfação, a participação neste Congresso de mil e oitocentos delegados, representantes do Ministério, de organismos educacionais, científicos e culturais, assim como de nosso Partido, da CTC, dos CDR, da UJC, da FMC, da ANAP, da UPC, e dos organismos de produção e serviços.

Por outro lado, o Congresso debateu e analisou as influências culturais negativas que forçam a penetração em nosso meio, às quais a Revolução faz frente com decisão e energia. Estas considera-

ções em torno de problemas culturais vieram surgindo desde as reuniões de base, tornando necessária a ampliação dos objetivos iniciais do Congresso e a sua transformação no Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura.

De acordo com os objetivos colocados, as discussões do temário desenvolveram-se em onze comissões e em sessões plenárias.

Fez-se uma cuidadosa seleção do conjunto de propostas aprovadas nas plenárias gerais, as quais servirão de base para traçar a política educacional e cultural de Cuba.

Os principais aspectos que foram objeto de debates, conclusões e recomendações foram os seguintes: o absentismo, a evasão e o atraso escolar requerem medidas concretas e enérgicas sobre a obrigatoriedade do ensino e a responsabilidade de pais e alunos perante a escola, já que a educação é um direito e um dever de todos.

O Congresso considerou, entre outras medidas, incremento de atividades escolares que motivem os alunos a permanecerem na escola. Por outro lado, uma melhor articulação entre os programas de estudo dos diversos níveis muito contribuirá para erradicar a evasão escolar. Além disso, é necessário ativar os Centros de Orientação e Diagnóstico de cada província, para que, com a colaboração estreita dos professores, identifiquem os alunos com problemas educacionais e providenciem o seu encaminhamento para escolas de ensino especializado.

Numa escola socialista, é necessário criar uma consciência de responsabilidade pelo cuidado e manutenção da propriedade coletiva. Esta consciência deve ser formada na criança desde os primeiros anos, a partir do recebimento constante de exemplos dos encarregados de dirigir sua formação bem como da participação em atividades que conduzam à aquisição dessa atitude.

A introdução de uma disciplina através da qual se ensinem normas de moral socialista e que apresente o desprezo à propriedade social como um demérito, bem como o cumprimento estrito das normas relativas ao cuidado com a propriedade social escolar, representam soluções para o problema de formar no educando uma atitude favorável.

Visando à formação integral do escolar foi considerada a educação física, ressaltando-se a importância vital das atividades desportivo-recreativas, durante toda a vida, para a melhoria da saúde. Assim, para um correto desenvolvimento posterior da criança, faz-se necessário que ela crie hábitos sólidos nesse sentido.

Um objetivo imprescindível da educação é conjugar o amor à pátria socialista com o respeito aos outros povos do mundo, mediante o incremento das atividades e tarefas dirigidas à solidariedade entre os homens e aos povos que lutam por sua libertação.

Acreditamos que um aprofundamento da atitude do conceito de solidariedade a todos os povos, especialmente àqueles que lutam contra o imperialismo ianque, uma programação escolar que proporcione um conhecimento maior de nosso próprio povo e de outros que constituem a vanguarda dessa luta, o restabelecimento dos plenos estudantis, a preparação cuidadosa de jornadas de escolaridade, que conduzam a um processo de sensibilização, a criação de comissões histórico-culturais em cada escola, a inclusão de temas relativos aos povos da Indochina e outros, que enfrentam a agressão e opressão imperialista, constituem sugestões que visam ao desenvolvimento de uma educação para a solidariedade.

O Congresso acredita que a criação de hábitos adequados de estudo nos alunos vincula-os mais concretamente à sociedade e à própria vida. Estes hábitos são influenciados por fatores que têm origem no lar, na escola e no meio social em geral.

E para melhorar a atitude do aluno diante do estudo, consideramos necessário:

- orientar os professores sobre as atitudes dos educandos;
- incrementar o trabalho de orientação vocacional;
- compreender os objetivos dos estudos;
- criar condições para que os alunos aprendam a estudar;
- suprimir toda medida que possa levar os alunos ao finalismo;
- intensificar as atividades auto-dirigidas;
- empregar de maneira funcional os instrumentos básicos de aprendizagem.

A preparação para a defesa da pátria tem uma dupla função: capacitar no manejo das armas e contribuir para a formação integral de nossos jovens.

O cumprimento das determinações da Defesa Civil nos centros de ensino, a intensificação dos círculos de debate nas FAR, a inclusão da preparação para o combate nos centros de formação de professores e no currículo das universidades são algumas propostas que visam ao aperfeiçoamento da instrução militar revolucionária de nossa juventude.

O Congresso considerou a importância da educação artística para o desenvolvimento estético-ideológico e sua extensão a todas as escolas e níveis de ensino.

Ressaltou-se o papel da orientação vocacional na formação da juventude, destacando-se a importância das diversas profissões e a necessidade de se efetivar uma reavaliação das profissões vitais para o

desenvolvimento econômico de nossa Pátria, com o objetivo de criar nos alunos interesse na escolha das mesmas.

A informação profissional, a seu devido tempo, é importante como elemento da orientação vocacional, enfatizando-se a necessidade de intensificar os círculos de debates científico-técnicos que favoreçam o desenvolvimento das aptidões profissionais.

A formação pelo trabalho não supõe especialização, mas o desenvolvimento multifacetado, no contexto da cultura de forma ampla.

Para conseguir-se nas novas gerações uma consciência de produtores e não de consumidores, deve-se incluir, em todos os níveis de ensino, a participação programada e periódica do estudante nas atividades produtivas. Esta participação constitui um formidável instrumento da pedagogia revolucionária para a formação ideológica dos nossos educandos. Recomenda-se essa atividade para todos os estudantes do ensino médio e superior.

A forma mais avançada de participação no nível secundário, a Escola no Campo, surge com uma sólida experiência adaptada à nossa realidade sócio-econômica. Nessas escolas, os jovens conjugarão o estudo com o trabalho produtivo durante todo o curso e, educando-se, contribuirão com seu esforço para o desenvolvimento do país. A experiência já adquirida deve ser observada e avaliada com toda a atenção.

Um aspecto amplamente debatido foi a influência dos métodos disciplinares na formação do educando. Nossa sociedade necessita de homens conscientes das normas e valores de nossa revolução. Por isso, as relações do adulto com a criança não podem ser coercitivas nem punitivas. Só se consegue incorporar à conduta os valores sociais quando estes são compreendidos e quando entre educador e educando se estabelecem relações de reciprocidade, solidariedade e respeito mútuo.

Para melhorar a disciplina em nossas escolas, o Congresso considera oportuno aprofundar a formação técnica e ideológica dos professores, organizar seminários para orientar aqueles que trabalham com alunos que apresentam problemas de conduta, um maior relacionamento entre escola-pais, o uso de meios de comunicação de massa para a orientação psicopedagógica de pais e professores, e a definição das linhas gerais dos regulamentos escolares.

A educação deve refletir e estimular as mudanças resultantes das transformações revolucionárias, tanto no campo material como no da consciência. Deve, sobretudo, definir, orientar e aprofundar a criação de um homem novo, de um povo novo, que, além de libertar-se do lastro do passado, seja capaz de criar, conscientemente, melhores condições individuais e sociais de existência. Esse grande objetivo que

deve traduzir-se em atuações concretas, deverá realizar-se, sobretudo, pela vinculação cada vez maior dos educandos ao trabalho, como prática social e produção concreta.

A educação não pode circunscrever-se à Escola, mas preocupar-se também com a formação de operários qualificados, técnicos e especialistas nos próprios centros de trabalho. Para isso, é necessário contar com a força docente de que disponham os próprios centros de trabalho, ou com a cooperação de educadores e técnicos de outros centros ou organismos.

A fim de viabilizar a progressiva transformação e criação de um homem novo, tornam-se necessárias medidas de integração de todos os níveis, por intermédio do estudo e aplicação de planos e programas com essa finalidade e que não sejam modificados com excessiva freqüência.

Algumas destas questões foram objetos de análises que englobaram desde o ensino primário, passando pelo de idiomas, até o ensino superior. Se o processo formativo por meio da educação deve realizar-se desde a infância até a pós-graduação como uma atividade constante de estudo e trabalho, de desenvolvimento da personalidade, de integração e comunicação com a sociedade, é óbvio, como se manifestou no Congresso, que deve existir uma articulação e uma unidade substancial em todo o ensino.

Tais condições só podem existir com o auxílio de uma docência do mais alto nível, o que implica a atualização do educador como guia e exemplo em todas as espécies de atividade social.

O ensino de Ciências é parte fundamental da educação e requer o estímulo da experimentação e da pesquisa. Enfatizou-se que a aprendizagem e a prática das Ciências devem conjugar-se com o cultivo e a fruição das diversas manifestações da cultura.

Considerou-se que o trabalho do professor em nossa sociedade socialista tem uma extraordinária importância, já que sua responsabilidade fundamental é a formação ideológica das novas gerações. O professor deve, portanto, possuir qualidades relevantes, o que impõe o estabelecimento de rigorosas normas para a seleção dos candidatos ao exercício do magistério e dos aspirantes ao ingresso nos centros de formação. O Congresso reconhece que o trabalho do professor merece um alto grau de reconhecimento social e necessita do apoio de todo o povo. Porém, o próprio professor deve ganhar o apreço da sociedade com seu trabalho abnegado, suas qualidades docentes e sua identificação com os fatores sociais, econômicos e políticos da Revolução. É necessário conferir um lugar prioritário à formação de educadores e adotar medidas que garantam sua eficácia, tanto do ponto de vista científico e pedagógico, como político e ideológico.

Em relação à formação de professores, o Congresso acolhe a opinião unânime de que esta deve ser única para todos os níveis e tipos de ensino, tendo como base a unidade de fins, orientação ideológica e pedagógica, planos de estudo, metodologia e pesquisa educacional. Recomenda-se também a criação de um maior número de centros de formação de pessoal docente em províncias, o que facilitará a utilização dos recursos das instituições científicas, culturais e artísticas da comunidade, e aproximará as escolas do lugar de origem e possível destino dos futuros professores.

O Congresso, ainda que reconheça o caráter transitório dos planos de emergência de formação do pessoal docente, e se posicione a favor da formação regular como solução definitiva, reconhece a importância do papel que desempenham em nosso desenvolvimento educacional os mestres populares, que constituem a parcela majoritária do pessoal docente.

É necessário manter esses planos de emergência para superar o déficit previsto nos vários níveis e tipos de ensino. Para isso, deve-se insistir nas seguintes medidas: rigorosa exigência na seleção de aspirantes a professores; maior duração do curso introdutório; professores que possuam formação e experiência necessárias para ministrá-los; direção, organização e controle dos cursos de estudos dirigidos; treinamento prévio no início do curso de estudos dirigidos, para possibilitar a formação de hábitos de estudo e a aquisição de método adequado para o estudo independente; reconsideração do sistema de avaliação estabelecido; distribuição a tempo dos guias e materiais de estudo e o seu aprimoramento; estruturação e planejamento de tais estudos de modo que propiciem assistência pontual às aulas bem como maior tempo de estudo individual do professor-aluno.

Os progressos que se realizam em ritmo acelerado nos campos da Ciência, da Técnica e da Cultura e os desafios que são colocados à Educação pelo nosso processo revolucionário de desenvolvimento nacional, exigem que todo o pessoal docente e técnico dirigente se atualize sistemática e continuamente.

Considerou-se premissa indispensável para uma verdadeira Ciência da Educação levar adiante os programas de Licenciatura em Pedagogia de maneira que possibilitem o desenvolvimento e aplicação de métodos modernos de ensino e impulsionem a pesquisa educacional.

Diante da realidade de que uma apreciável porcentagem de nosso pessoal docente possui pouca experiência e preparo profissional, é necessário intensificar um trabalho de assessoria que lhes permita melhor enfrentar suas responsabilidades. O Congresso acentua que esta assessoria deve chegar ao professor de forma contínua e sistemática, devendo-se utilizar para isso, os professores de mais experiência e qualificação, sem que estes tenham que afastar-se de suas aulas. Fez-se uma análise dos métodos utilizados para o treinamento dos professores e das informações que deve conter o seu histórico. A avaliação do professor deve ser feita com base em sua conduta e aptidão, em aspectos técnico-docentes e políticos; deve ser periódica e servir de base para a sua promoção. Por outro lado, deve-se evitar que estas promoções venham a afetar a estabilidade dos cursos.

Os delegados analisaram os problemas referentes à carga de trabalho do professor, sobrecarregado, às vezes, com reuniões desnecessárias, e concluíram que é importante regulamentar a carga horária do professor e priorizar as tarefas que mais beneficiam a educação e o processo revolucionário em geral.

Os métodos e os meios de ensino que atualmente se empregam em nosso sistema nacional de educação devem ser submetidos a uma sistemática avaliação por parte do Ministério da Educação, com a colaboração dos professores.

A realização de experimentos ou programas-piloto e o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre os métodos e os meios de ensino devem constituir um pré-requisito para a sua implantação.

Os métodos de ensino de Matemática Moderna, de Leitura e Escrita, o ensino das Ciências por meio de processos integrados ou com a aplicação de modernas técnicas do método indutivo, os métodos audiovisuais para a aprendizagem de idiomas estrangeiros e outros métodos e recursos da tecnologia pedagógica, atualmente aplicados ou pesquisados em nosso sistema, constituem êxitos, ainda que não estejam isentos de dificuldades.

Consideraram-se fundamentais para fins de aplicação em maior escala por parte do Ministério da Educação tanto as experiências com métodos e técnicas modernas de ensino, nos quais se combinam a prática da exposição, os seminários e o estudo individual do aluno com materiais de auto-instrução programada, como as técnicas e métodos experimentais aplicados por professores nas escolas médias e superiores.

O Congresso debateu amplamente a televisão educativa e elaborou propostas, baseadas em estudos e pesquisas, no sentido da superação de dificuldades e melhor utilização dessa conquista da educação cubana.

Constitui unânime reivindicação dos educadores, reiterada por este Congresso, a necessidade de que os intelectuais revolucionários produzam literatura infantil e escrevam, para jovens e adultos, sobre a luta da Revolução Cubana contra o subdesenvolvimento.

Aprovou-se o histórico-escolar cumulativo, integral e único, abrangendo desde a pré-escola até a universidade, que registre as características e mudanças observadas no processo de desenvolvimento

do educando em todos os aspectos. Analisou-se também a participação dos professores nos programas do Ministério da Educação e a criação de órgãos e mecanismos que garantam a unidade do sistema educativo.

É importante o fluxo de informações atualizadas sobre planos, medidas e resoluções dos órgãos superiores do Ministério da Educação, sobre as tendências educativas internacionais, bem como a realização, o controle e a divulgação, junto aos professores, de estudos e pesquisas fundamentais para o desenvolvimento de nosso movimento educacional. É necessário que todos os meios de comunicação de massa e as instituições culturais de nossa Revolução reforcem a política e a obra educativo-cultural desenvolvida pelo professor e pela escola, no processo de formação de novas gerações de nossa Pátria socialista.

Considerando que mais de 630 mil escolares freqüentam escolas do tipo multigrado, decorrente da dispersão da população rural, deve-se dedicar especial atenção à procura de um funcionamento mais eficiente desta instituição escolar complicada e transitória.

Destacou-se a importância das bibliotecas escolares como agentes decisivos na formação do educando e sua condição de parte integrante da escola, assim como a conveniência de criar-se um instituto de nivel médio para a formação de bibliotecários escolares.

Na discussão dos diversos calendários escolares, ressaltou-se a sua multiplicidade, falta de articulação entre os diversos niveis, assim como a necessidade de adotar medidas para a superação dessa situação.

O Congresso concluiu que a responsabilidade política, técnica e administrativa cabe tanto ao diretor como ao inspetor escolar, no exercício de suas funções. O Congresso considera que o povo não é somente objeto de uma educação massiva integral e contínua, mas também seu progagonista, fato transcendente, uma vez que só é possível em processos revolucionários. Assim, os Organismos Populares de Educação constituem o veículo ideal para organizar e coordenar a ação popular destinada a impulsionar a educação e solucionar seus problemas. Por isso, os delegados apóiam o documento elaborado pela Direção Revolucionária, no qual se estabelecem a estrutura e funcionamento dos Organismos Populares de Educação, e aderem à sua fundamentação e conteúdo.

O Congresso reconhece a necessidade de movimentos como os de "Pais Exemplares", "Brigadas de Mães Combatentes pela Educação" e "Apadrinhamento de Escolas" e os saúda fraternalmente. Tais movimentos expressam de modo objetivo o que as organizações de massa podem fazer por meio de uma participação eficaz. Faz-se necessário divulgar amplamente estes movimentos, estimular seus integrantes e estabelecer laços adequados entre as escolas e os centros de trabalho,

as bases camponesas, os Comitês de Defesa da Revolução e as demais organizações de trabalhadores, camponesas, mulheres e estudantes.

O Congresso recomenda que as organizações de massa integrantes dos Organismos Populares de Educação considerem como uma de suas tarefas o recrutamento de estudantes para as escolas de formação de professores; e que por meio de seus órgãos competentes, estabeleçam com as famílias dos educandos laços que permitam uma mútua cooperação no processo formativo dos mesmos.

Os delegados deste Congresso consideram que os Organismos Populares de Educação prestam uma notável contribuição à solução dos problemas sociais enfrentados pelo trabalhador docente.

O Congresso considera necessário e conveniente que os Organismos Populares de Educação, particularmente os Conselhos de Escola, participem ativamente do trabalho ideológico no âmbito da comunidade, seja na análise dos problemas ou nas medidas para solucioná-los.

Para melhor realizar essa tarefa, é indispensável que se sistematize, através de métodos eficazes, a atualização ideológica e cultural dos responsáveis pela Educação nas organizações de massa, assim como dos membros dos Organismos Populares de Educação. É conveniente que as organizações organizem os quadros que trabalham nessa frente, evitando trocá-los com freqüência, o que viria a torná-los inoperantes.

CONDIÇÕES DO AMBIENTE SOCIAL

O Congresso analisou a fundo a influência do meio ambiente na educação abordando principalmente os seguintes aspectos:

- vinculação lar-escola;
- relacionamento entre os centros de produção e as escolas da comunidade;
- moda, costumes e extravagâncias;
- religião;
- delinqüência juvenil;
- sexualidade;
- aproveitamento do tempo do aluno em atividades extra-classe na comunidade;
- meios de comunicação de massa;
- atividade cultural.

Em relação a cada um destes aspectos, o Congresso deliberou o seguinte:

Vinculação Lar-Escola

1. Que se faz necessário o fortalecimento dos Conselhos de Escola, com a finalidade de introduzir nestes um trabalho mais direto com os pais dos educandos. Para isso, serão criadas nos locais onde for necessário, e na medida que as condições o permitam, Escolas de Pais no ensino geral, diretamente subordinadas aos Conselhos de Escolas. Não formarão instituições à parte e sim programas de atividades educativas no seu sentido mais amplo, visando também à formação integral do educando.

2. Que na educação dos pais se lance mão de todos os recursos existentes na comunidade, acrescidos dos meios de que dispõe os organismos e organizações políticas e de massa.

3. Que se divulgue a importância das relações família-escola, pais-filhos, comunidade-escola como um instrumento de formação de nossa sociedade como um todo e para cuja funcionalidade imediata devem dirigir-se todos os nossos esforços.

4. A família adquiriu, em nossa sociedade, uma nova significação, na medida que se vincula às instituições coletivas, possibilitando a formação integral do homem e a construção do socialismo. A necessidade de melhorar ao máximo e em curto prazo a economia do país, estimula maciçamente homens e mulheres. Como conseqüência da movimentação das forças sociais, tem-se uma modificação parcial da estrutura familiar, que constitui na sociedade socialista, um veículo para a inserção da infância e da juventude no meio social.

5. Que tanto o atraso escolar como a subescolarização dos jovens são conseqüência do absenteísmo e da evasão escolar, fatores que propiciam desvios de conduta e são uma constante na maioria dos casos de delinqüência juvenil.

6. Que a Revolução, ao priorizar o papel da Escola, tem enaltecido o trabalho do professor, reafirmando, em múltiplas ocasiões, sua importância na formação ideológica das novas gerações. A conduta do professor, sua exemplaridade e sua atitude revolucionária determinam o reconhecimento social de sua autoridade.

7. Que a existência de deficiências mentais em vários graus, a repercussão no atraso escolar no baixo rendimento intelectual dos educandos, fatores que tem grande influência nos diversos transtornos da conduta, nos leva a propor:

   a. que se incrementem as instituições de internação e tratamento dos casos mais agudos de retardamento mental, na medida em que seja necessário;

   b. que se formem, dentro de nossas possibilidades, novas escolas especializadas em retardados mentais, a fim de atender convenientemente estes educandos;

   c. que, para melhorar o rendimento intelectual dos retardados mentais leves e limítrofes, atualmente matriculados em escolas regulares, se incremente, dentro do possível, instituições especializadas para eles;

   d. que, considerando a situação educacional apresentada pelos escolares com distúrbios de conduta, nos diversos níveis de ensino, se estude a possibilidade de criar escolas para atender a esse tipo de patologia.

8. Que na formação do aluno há uma responsabilidade social inerente a pais e professores, à qual devem responder solidariamente, já que as deficiências da ação de cada um, em seu meio, repercutem imediatamente na ação do outro; por isso, devem existir entre ambos, vínculos de cooperação, entendimento e harmonia.

9. Que é evidente a necessidade de proporcionar aos pais uma educação sanitária, já que os maus hábitos de higiene adquiridos no meio familiar, repercutem no meio escolar em prejuízo da saúde.

Relacionamento entre os Centros de Produção e as Escolas da Comunidade

O Ministério da Educação tem a responsabilidade de colocar ao alcance da juventude os conhecimentos científicos e técnicos, usando para isso os melhores recursos didáticos, visando um aprendizado efetivo, útil, ativo e funcional. O alto grau de tecnologia exigido pela indústria, agricultura e pecuária determina uma formação tal dos estudantes dessas áreas que corresponda ao desenvolvimento da produção.

Considerando a importância dos Centros de Estudos Tecnológicos para o desenvolvimento do país, tem-se como fundamentais as relações desses centros com os organismos produtivos de cada comunidade, não só pelos recursos materiais de estudo dos centros de trabalhos das diversas áreas, mas também pela experiência prática que as oficinas e seus técnicos podem proporcionar aos estudantes. É impres-

cindivel que os conteúdos das diversas disciplinas de estudo se articulem metodologicamente, de forma a não limitar a pesquisa do aluno a um campo determinado.

No ensino tecnológico, a capacitação e o treinamento caminham lado a lado. A relação do aluno com a produção é um êxito econômico que não só conjuga o estudo ao trabalho, a teoria e a prática, mas também estabelece o elo fundamental, em caráter social, entre a escola e a fábrica. Essa prática se baseia na experiência, desenvolvendo a capacidade critica, que permite ao estudante formar uma visão dos processos modernos de produção e um pensamento técnico de alta produtividade.

Outro vínculo necessário dos centros tecnológicos é com os organismos de pesquisa, para que tanto os graduados que vão dedicar-se à docência como os professores em exercício, colaborem de forma estreita e diária nas atividades de pesquisa.

As diversas propostas sobre este item que foram consideradas na comissão alertam, apresentando situações concretas, para a necessidade de superar as deficiências existentes nas relações entre os centros de produção, as escolas de tecnologia e os centros de pesquisas. Constata-se, em alguns casos, que o conhecimento prático dos formados não teve uma formação correta, ainda que a prática pré-profissional tenha experimentado um bom desenvolvimento.

As propostas vão desde o pedido de apadrinhamento até a formulação de uma política conjunta entre fábricas e escolas, entre ministérios, empresas de ramos afins e centros de ensino técnico-profissional. Isso resolveria favoravelmente muitos problemas relativos à atualização e capacitação de pessoal técnico, à monitoria, à ajuda técnica, à pesquisa, à orientação de graduados e à análise conjunta de planos de estudo e programas, com vantagens para o desenvolvimento econômico do país.

Foram objeto de considerações, entre outros, os seguintes pontos: que se crie uma política destinada a estreitar os laços produção-escola e que os organismos e empresas insistam no aperfeiçoamento técnico dos graduados, ao mesmo tempo que os centros de estudo mantenham contato com eles, acompanhando-os em suas atividades de produção. Recomenda-se que as atividades realizadas pelos alunos nos centros produtivos estejam voltadas para o aprendizado e a formação. Da mesma forma os professores de disciplinas técnicas devem incorporar-se à produção, dentro de sua especialidade. Os graduados que tenham sido selecionados como professores deverão passar algum tempo nos centros de pesquisas de sua especialidade, antes de incorporar-se ao trabalho docente.

Em outros aspectos da discussão, aprovaram-se propostas relativas à ajuda que os alunos podem oferecer aos operários de baixo nível cultural; e nos centros de trabalho se divulgue, como estímulo, a participação e aproveitamento obtidos pelos trabalhadores que estudam nos cursos de Educação de Adultos.

Recomenda-se que estudantes das diversas oficinas e centros de produção visitem-se mutuamente. Aprovou-se também, como vantajosa e necessária, uma estreita coordenação entre o Ministério da Educação – que tem a responsabilidade técnica sobre as escolas-oficinas – e as administrações dos centros de produção.

Finalmente, merece destaque o acordo sobre visitas de crianças das escolas primárias aos centros de produção com o objetivo de estimular sua orientação profissional futura, através do conhecimento, de forma direta, dos processos produtivos.

Modas, Costumes e Extravagâncias

No debate, concluiu-se que o aspecto fundamental a ser considerado na avaliação de um jovem, no contexto da Revolução, deve ser sua atitude social, ou seja, sua participação no esforço coletivo para a transformação revolucionária da sociedade. Foram analisados profundamente os aspectos referentes a moda, costumes, etc., segundo um ponto de vista sociológico, ideológico e político.

Mesmo considerando que algumas manifestações de extravagância, exibicionismo, etc., não constituam motivo de atenção da Revolução, por se restringirem a grupos minoritários e geralmente marginais, a necessidade de manter a unidade ideológica de nosso povo e o combate a qualquer forma de desvio entre os jovens, impõe a implementação de medidas para sua erradicação.

Analisou-se a moda, no seu aspecto social de hábito de vestir, sua natural evolução e a necessidade de um trabalho de orientação, através de organismos revolucionários específicos.

Distinguiu-se a aberração estravagante, produzida algumas vezes pela assimilação acrítica de manifestações similares de grupos de estrangeiros e, outras vezes, pela atitude contra-revolucionária de micro-grupos, que a utilizam como mecanismo de identificação interna e contestação à Revolução. Em ambos os casos é necessário o confronto direto e a eliminação.

Alertou-se sobre os grupos extravagantes estrangeiros, e sua atitude na corrompida sociedade burguesa, que mesmo não sendo, necessariamente, uma expressão de luta revolucionária, mas de evasão da realidade alienante dessa sociedade, têm em seu seio um germe de

protesto. Tal antagonismo ao sistema capitalista não pode servir de exemplo a nossos jovens, que têm a possibilidade de sua realização individual na construção comunista.

As conclusões decorrentes do debate, são as seguintes:

1. A Revolução levará em conta o fenômeno da moda, fenômeno social, dentro do contexto de nossas características econômicas, ambientais e ideológicas.
2. Ao estudar o fenômeno da moda, dos costumes, das extravagâncias, etc., ratificamos a necessidade de manter a unidade monolítica e ideológica de nosso povo e o combate a qualquer forma de desvio entre os jovens.
3. Que é necessário o confronto direto, para eliminar as aberrações extravagantes.
4. A Revolução deve orientar uma política conseqüente, em relação à moda, que, através de uma ação positiva, neutralize ou impeça a entrada de tendências da moda originárias de países capitalistas desenvolvidos, cuja base econômica, mercantil e ideológica deve ser levada em conta, uma vez que sua aceitação indiscriminada converte-se em fator de dependência cultural.
5. Que, a partir da influência de determinadas modas, às quais se atribui a representação da revolta juvenil, deve-se fazer um trabalho de divulgação e explicação sobre a origem, desenvolvimento, assimilação e exportação do fenômeno pelas sociedades decadentes, que o transmitem, deformam e comercializam, com a finalidade última de colonização cultural.

Religião

1. Concluiu-se que a atividade das diversas religiões não significa um fenômeno de peso no desenvolvimento ideológico de nosso povo, nem no âmbito de nossa sociedade, monoliticamente ativa no intento da construção do socialismo.

Analisou-se profundamente o quadro religioso do país, sua complexidade, a atitude de cada igreja, seita e grupo religioso,

definindo-se de maneira diferenciada a atitude da Revolução para cada caso.

Destacaram-se as seitas de maior importância, por sua atividade contestatória à Revolução:

a. Testemunhas de Jeová – sua gênese ideolótica e política, cujo centro internacional são os Estados Unidos, seu método de trabalho, o conteúdo de sua literatura e sua forma concreta de atuar no nosso meio rural;
b. Grupo Evangélico Gedeon (batas-brancas) – grupo em extinção, com uma aberta atividade contra-revolucionária;
c. Adventistas do Sétimo Dia – a contradição mais notável: não realizam atividades aos sábados, não mandando as crianças à Escola, não trabalhando, etc.

Foram analisadas e delimitadas as zonas de maior influência, estabelecendo-se claramente que a influência dessas seitas sobre alguns setores da população se baseia:

a. no método de trabalho de seus ativistas, que se aproximam dos camponeses, atendendo-os e ajudando-os com atividades individuais, às vezes empregando muito esforço nisso;
b. no nível cultural da população com a qual trabalham;
c. no fato indiscutível de que sempre que um grupo ou seita consegue penetrar e captar alguns núcleos de nossa população, evidencia-se um trabalho deficiente dos organismos políticos, administrativos, de massas e educacionais.

Colocou-se, também, que existem múltiplas experiências a demonstrar que o trabalho revolucionário desenvolvido integralmente por nosso partido, pelos organismos de massas e políticos e pelas Escolas, através da aproximação com o povo, o conhecimento de seus problemas, a sensibilidade por suas preocupações e dificuldades, sua elevação cultural, etc., deteve o crescimento dessas seitas religiosas em muitas áreas.

Analisou-se a situação concreta da igreja católica em nosso país, considerando-se o movimento mundial de reforma pelo qual passa, a atitude da hierarquia eclesiástica a respeito do processo revolucionário e o papel que desempenham hoje, em nosso continente, o movimento revolucionário de certos setores católicos, cujo modelo é nossa revolução. A sua orientação, separando os problemas sócio-

econômicos dos filosóficos, possibilitando e, inclusive, estimulando a participação individual nas atividades de construção econômica e social da Revolução, associada à nossa política de aceitar a participação de todos no trabalho revolucionário, cria condições à sua participação.

Examinou-se a atividade do proselitismo da igreja entre os jovens e o seu ativismo representado pela organização de programações desportivas, festas, etc. Destacaram-se estes fatos como indicadores da insuficiência de nosso trabalho, da não-utilização do enorme potencial dos recursos que a Revolução coloca à disposição dos organismos políticos, de massas e da Escola, e da debilidade de nosso trabalho ideológico e político. Uma política com ênfase na programação de atividades extra-escolares, a organização do tempo livre e a recreação das crianças e jovens, constituirá a solução definitiva para estes problemas.

2. A política da Revolução a respeito da atividade religiosa baseia-se nos seguintes princípios:

a. não considerar o fenômeno religioso como centro ou elemento prioritário de nosso trabalho. Nosso esforço fundamental deve dirigir-se à construção da sociedade socialista, devendo, desde já, serem definidos os passos que a Revolução deve dar no combate ideológico;
b. separação absoluta entre Igreja e Estado, entre Escola e Igreja, em todos os campos;
c. não estimular, apoiar ou ajudar, e nem pedir nada, a nenhum grupo religioso;
d. não compartilhamos das crenças religiosas, dos cultos, tampouco os apoiamos;
e. a Revolução respeita as crenças religiosas e os cultos como direitos individuais. Por isso, não impõe, não persegue, nem reprime ninguém por causa delas;
f. tendo como meta a construção socialista, a Revolução dá lugar e oportunidade a todo mundo em sua obra transformadora, independente de professar ou não crenças religiosas;
g. a respeito das crenças obscurantistas e contra-revolucionárias, deve-se desmascará-las e combatê-las.

3. Fazem-se necessários como instrumentos de combate fundamentais da Revolução:

a. o ensino de ciências na escola, para combater a mentira, a superstição e a farsa contra-revolucionária;

b. as realizações da Revolução: as profundas transformações nos terrenos social, econômico e político.

4. Finalmente, firmou-se que, como materialistas e marxistas-leninistas, nosso caminho não deve ser a anti-religiosidade grosseira, mas o ensino científico, a elevação cultural do povo e o oferecimento aos professores de materiais educativos adequados.

Delinqüência Juvenil

O Congresso considera que, sendo a delinqüência juvenil, em suas distintas manifestações, uma parte da patologia social, deve constituir uma preocupação a nível nacional. Seu controle e repressão explicam-se não tanto pela magnitude ou pela importância que o problema possa haver alcançado a nível nacional, mas pela importância capital que esse fenômeno social adquiriu recentemente. Ressaltou-se a necessidade do combate frontal à delinqüência juvenil e, para isso, antes do estudo das causas e fatores que a geram, levantaram-se os seguintes pontos:

a. a importância do retardo mental e do atraso escolar na produção desse fenômeno;
b. a alta proporção de jovens que, no momento em que são detidos, não se encontram incorporados às atividades escolares;
c. a situação das crianças que, por não haverem alcançado a idade apropriada para o trabalho, não podem engajar-se nas atividades produtivas;
d. as más condições habitacionais das casas de onde procedem os jovens delinqüentes;
e. a baixa renda per capita da família;
f. a alta proporção de jovens que procedem de lares dissolvidos ou incompletos;
g. a incidência de problemas religiosos, ou de seitas religiosas, fundamentalmente das procedentes do continente africano (nhánhigas ou abacuá);
h. a repercussão que têm sobre a delinqüência o rompimento de normas de convivência social estabelecidas pelas leis e a falta de sistematização na repressão às atividades delituosas e contra-

vencionais;
i. a carência de meios de assistência social ou sua utilização deficiente;
j. a ausência de um sistema nacional de previdência social, que coordene os esforços e utilize os meios disponíveis nos distintos organismos e organizações, em função de uma atividade preventiva.

Tudo isso, associado à realidade atual dos Centros de Reeducação – que não contam com educadores, meios técnicos, e pessoal qualificado, nem com instalações adequadas para efetivar a readaptação social dos menores que lhes são remetidos, além de outras deficiências que incidem sobre a educação e o tratamento adequados a esses menores – conduzem-nos à situação atual desse setor minoritário da juventude.

Com base no que foi anteriormente assinalado, chegou-se às seguintes propostas:

– que o Ensino Especializado inclua o tratamento de menores com retardo mental que hajam cometido atos delituosos, ou apresentem uma conduta anti-social, nas classes já existentes ou nas que venham a ser estabelecidas;
– que se criem mecanismos necessários para estabelecer, em Escolas-Oficinas, bolsas ou outros dispositivos apropriados aos desadaptados que não apresentem retardo mental e que não necessitem ser enviados a instituições de reeducação ou para os egressos destas;
– organizar cursos de emergência para a capacitação do pessoal técnico que atue no processo de readaptação desses menores, tanto em instituições de reeducação, como em outros centros;
– que o Ministério da Educação, enquanto não tenha desenvolvido condições de assimilar os Centros de Reeducação, desenvolva, em colaboração com o Ministério do Interior, um estudo das necessidades de professores e meios auxiliares de ensino, com a finalidade de suprir essas necessidades, na medida do possível. Também o INDER e Cultura deverá fazer um estudo similar, na sua área de atividade, com o mesmo fim;
– que se submeta à discussão da Diretoria de Educação as sugestões elaboradas e apresentadas à Comissão de Estudos do Comitê Central do Partido que tratam sobre:
a. os Centros de Avaliação;
b. as Comissões de Normas Técnicas;
c. as Instituições de Reeducação;
d. o Sistema de Previdência Social.

Sobre a Sexualidade

A Comissão analisou a questão social da sexualidade e, dentro dele, as idéias e conceitos sobre o tema. Estudou as relações sexuais em geral, analisando o fenômeno especialmente na adolescência e na juventude.

Fez-se um retrospecto das transformações ocorridas na situação das relações sexuais da sociedade pré-revolucionária. Essas relações achavam-se condicionadas ao sistema de exploração, a profunda desigualdade social e a violência, produzindo prostituição e outras formas de mercantilização do sexo, com as aberrações decorrentes.

As transformações estruturais e o desenvolvimento de nossa sociedade erradicaram definitivamente essas manifestações, próprias de sociedades de exploração. Porém – como acontece em todo processo revolucionário – essas mudanças ocasionaram novas contradições, que exigem um esforço constante para renovação criadora nas condutas, hábitos sociais e idéias.

Deliberou-se que, como norma geral, a educação sexual deve ser ministrada também fora da escola, exceto em alguns tipos de ensino, que, por suas características, o impossibilitem; que se deve fornecer informações oportunas e suficientes sobre as relações sexuais no processo de procriação, dando respostas corretas e científicas às perguntas das crianças e jovens, tanto na escola como no lar. A fim de combater a ignorância e os preconceitos que existem sobre o assunto, sem necessidade de instituir cursos especiais, deve-se oferecer conhecimentos sobre o assunto dentro do ensino geral.

Também se concluiu ser necessário situar corretamente a importância das diversas contradições e das diversas frentes de atividade revolucionária. Conseqüentemente, deve-se dar prioridade à defesa material e ideológica e ao desenvolvimento sócio-econômico, tradicionalmente campos de antagonismo fundamental. As mudanças no plano das relações sexuais emanam da sociedade, à medida que esta se desenvolve nos campos econômico, social e cultural e adquirem uma

ideologia mais conseqüentemente revolucionária.

Finalmente, enfatizou-se a atenção a ser dispensada aos sentimentos e opiniões dos jovens e ao conhecimento de seus pontos de vista. Deve-se possibilitar a discussão e a reflexão profunda, com vistas à criação de uma concepção do significado do amor na formação de um casal e dos motivos que devem presidi-la, não meramente biológicos, mas com toda uma idéia de plenitude humana, que inclua a admiração e a estima recíprocas, em função de valores vitais e estéticos, mas expressando, fundamentalmente, valores sociais, políticos e morais.

Analisou-se a prostituição em sua origem sócio-econômica dentro da sociedade burguesa, sua liquidação total ao longo destes anos de trabalho revolucionário, no contexto das transformações operadas em nossa sociedade. As manifestações residuais e microlocalizadas que existem atualmente, situam-se, mais propriamente, dentro do campo da delinqüência.

A respeito dos desvios homossexuais, definiu-se seu caráter de patologia social. Estabeleceu-se o princípio de rechaçar e não admitir de forma alguma essas manifestações, nem sua propagação, destacando-se, de qualquer forma, que seria o estudo, a pesquisa e a análise profunda do problema que determinariam sempre as medidas a tomar.

Estabeleceu-se que o homossexualismo não deve ser considerado como um problema central ou fundamental de nossa sociedade, mas que é necessário solucioná-lo.

Discutidas profundamente a origem e a evolução do fenômeno, assim como sua dimensão atual, definiu-se o caráter anti-social dessa atividade e as medidas preventivas a serem implementadas. Deve-se sanear os focos, bem como providenciar o controle e encaminhamento de casos isolados, sempre com interesse educativo e preventivo. Concordou-se que existem diferentes graus de deterioração, sendo necessárias atitudes distintas frente aos diversos casos.

Com base nessas considerações, chegou-se à conclusão de que é conveniente colocar em prática as seguintes medidas:

a. extensão do sistema coeducacional, reconhecendo a importância na formação de crianças e jovens;

b. educação sexual para pais, professores e alunos. Esse trabalho não deve ser feito no âmbito de uma disciplina especial, mas na programação do ensino regular comum (biologia, fisiologia, etc.);

c. promover um entendimento correto da sexualidade. Realizar um trabalho de esclarecimento junto a adolescentes e jovens que contribua à aquisição de um conhecimento científico da sexualidade, eliminando preconceitos e inseguranças que determinam sua hierarquização inadequada;

d. promover discussões com os jovens nos casos em que seja necessário um aprofundamento no aspecto humano das relações entre os sexos.

Ainda neste campo, a Comissão concluiu que não se pode permitir que por seus "méritos artísticos", reconhecidos homossexuais influenciem a formação de nossa juventude. Como conseqüência, é necessário analisar como se deverá encarar a presença de homossexuais nos diversos organismos da frente cultural.

Sugeriu-se o estudo de medidas que permitam o encaminhamento para outros organismos daqueles que, sendo homossexuais, não devam ter participação direta na formação de nossa juventude a partir de atividades artísticas ou culturais.

Deve-se evitar que nosso país seja representado artisticamente no estrangeiro por pessoas cuja moral não corresponda ao prestígio de nossa Revolução.

Finalmente, concordou-se em solicitar penas severas para casos de corruptores de menores, depravados reincidentes e elementos anti-sociais incorrigíveis.

Aproveitamento do Tempo do Aluno em Atividades Extra-Escolares na Comunidade

Estas atividades podem ser, entre outras, as seguintes:

– visitas a museus e galerias e criação de salas didáticas em todas as regiões;

– realizar concursos nas escolas, que dêem origem a "Oficinas Literárias", visando desenvolver a capacidade criadora dos escritores jovens;

– atividades musicais, como os concertos da Orquestra Sinfônica Nacional que fiquem ao alcance dos jovens;

– programação de excursões e atividades de campismo;

– prática de esportes e ginástica, como treina-

mento e diversão para os alunos;
– realização de festivais culturais estudantis no encerramento do ano letivo;
– cumprimento dos verdadeiros objetivos das atividades dos pioneiros, não as entendendo apenas como tarefas a cumprir;
– criação de círculos de pioneiros onde a criança possa desenvolver atividades educativas, tais como pintar, tocar algum instrumento, etc.;
– outras programações que proporcionem, por exemplo, atividades científicas e culturais nas férias.

Com relação às realizações a curto prazo, recomenda-se:
– encontros interescolares de aficcionados;
– organização de brigadas de trabalho para a manutenção e cuidado de áreas verdes, edifícios, parques e monumentos;
– visita a centros de produção como parte do processo de pesquisa de assuntos desenvolvidos na sala de aula;
– conseguir que as atividades artísticas com crianças e jovens adolescentes sejam oficialmente orientadas pelo Ministério de Educação e que estejam dentro do Programa Unificado de Escolas.

Meios de Comunicação

O rádio, a televisão, o cinema e a imprensa são meios de comunicação de massa, poderosos instrumentos de formação ideológica e criadores da consciência coletiva. Sua utilização e desenvolvimento não podem ser abandonados à improvisão e à espontaneidade.

O Congresso, coerente com esse princípio, coloca a necessidade de uma única orientação político-cultural, estreitamente ligada aos meios de comunicação de massa e pautada pelas necessidades de educação em grande escala, imprescindível para o nosso desenvolvimento. É necessário que entre o Ministério da Educação e os organismos responsáveis pelos meios de difusão se estabeleça um sólido vín-

culo, tendo como objetivo elaborar programas de rádio, televisão, cinema, artigos jornalísticos, revistas, obras literárias e artísticas que contribuam realmente para a formação das crianças e dos jovens.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio e a TV constituem os de maior influência nas grandes massas do país. Por isso, os organismos culturais devem prestar, sistematicamente, maior colaboração na utilização do rádio e da TV como veículos das diversas realizações, na sua mais alta expressão, adaptando-se à realidade e às possibilidades técnicas e políticas.

O Congresso insistiu na necessidade de se considerar o rádio e a TV não só como meios de entretenimento e diversão, mas fundamentalmente como eficientes instrumentos na formação da consciência do homem novo.

O cinema como meio massivo de comunicação é, por excelência, a arte de nosso século. Nas palavras de Lênin: "É a mais importante de todas as artes".

Vivemos num mundo onde se trava um confronto de morte entre os interesses imperialistas, com o imperialismo ianque na liderança, e os interesses revolucionários dos povos, que têm sua vanguarea nos países socialistas e movimentos revolucionários de libertação nacional. Nesta conjuntura, característica de nossa época, o permanente fortalecimento ideológico de nosso povo é uma tarefa de primeira ordem.

Somos o primeiro país socialista do continente latino-americano submetido constantemente a múltiplas hostilidades, intrigas e agressões do imperialismo ianque. Porém, temos resistido às tentativas de destruição, com base no tenaz e heróico esforço de transformação econômica, destinado a liquidar a herança do subdesenvolvimento.

Cuba leva adiante uma Revolução que tem no marxismo-leninismo e nas tradições de luta de nossa história suas bases de sustenação e avanço ideológico-cultural.

O estudo aprofundado das raízes de nossa cultura, de nossa identidade como nação, dos elementos que a compõem e das linhas de seu desenvolvimento ao longo de mais de cem anos de luta é atividade imprescindível, por trazer consigo as possibilidades de elevação do nível ideológico das massas. Isto requer um trabalho sistemático e coerente, no qual os meios de comunicação de massa e as manifestações artísticas da cultura, cada um com suas especificidades, deverão incentivar nosso povo a conhecer melhor nossa história. Na medida em que esse esforço coordenado atinja os seus objetivos, teremos condições de enfrentar com maior energia e eficiência a penetração cultural imperialista e poderemos discernir, no conjunto de idéias e influências contemporâneas, quais são as que devemos aceitar e quais devemos rechaçar.

Nossa cultura será fruto desse trabalho, no qual nos firmaremos dentro de nossa condição nacional e latino-americana, como ponto de partida para uma assimilação crítica da cultura universal.

É por isso que o Congresso pede que se continue e estimule a produção de filmes e documentários de caráter histórico, como maneira de ligar o presente ao passado. Da mesma forma, considera necessárias diversas formas de divulgação e de educação através do cinema, para que o nosso povo tenha condições de ser, cada vez mais, um espectador ativo e analítico das diversas produções deste importante meio de comunicação.

O crescente avanço tecnológico dos meios de comunicação e suas inimagináveis perspectivas obrigam nossa sociedade revolucionária a combater a contaminação pela ideologia imperialista, mediante a criação de anticorpos ideológicos que anulem os seus efeitos nocivos. A alternativa que se coloca de fato não é a assepsia, mas a luta. Disso decorre a necessidade imperiosa de fomentar, de forma sistemática, as discussões, análises, estudos e debates públicos que preparem as massas para enfrentar criticamente todas as formas de expressão da ideologia burguesa. Deve-se, inclusive, procurar métodos revolucionários para enfrentar a previsível penetração do cinema e da TV imperialistas pelo sistema de satélite. Não é se omitindo, e sim combatendo abertamente que se poderá vencer essa luta irreconciliável contra a ideologia imperialista.

Os problemas decorrentes da influência do meio de comunicação social na educação, devido à suas implicações e conseqüências, requerem soluções que eliminem as raízes que o sustentam. No terreno da luta ideológica não são eficazes os paliativos nem o meio termo. A única alternativa é o esclarecimento, claro, preciso e profundo. Só é possível nossa coexistência ideológica com a criação espiritual dos povos revolucionários, a cultura socialista e as formas de expressão da ideologia marxista-leninista.

Parafraseando José Martí, dizemos:

Enxerta-se o mundo em nossa Revolução,
mas o tronco será a nossa Revolução.

A Atividade Cultural

– 1 –

O desenvolvimento das atividades artísticas e literárias de nosso país deve basear-se na consolidação e incentivo ao movimento de

aficcionados, tendo como critérios o amplo desenvolvimento cultural das massas e a negação das tendências de *elite*.

O socialismo cria as condições objetivas e subjetivas para a autêntica liberdade de criação. Por isso, são condenáveis e inadmissíveis as tendências que, baseadas num critério de libertinagem, buscam mascarar o veneno contra-revolucionário de obras que conspiram contra a ideologia revolucionária. Esta é o fundamento da construção do socialismo e do comunismo, com a qual nosso povo está hoje irremediavelmente comprometido, e em cujo espírito se educam as novas gerações.

O Congresso opina que, na seleção dos trabalhadores da instituições superestruturais tais como universidades, meios de comunicação de massas, instituições literárias, artísticas, etc., se leve em conta suas condições políticas e ideológicas, já que seu trabalho influi diretamente na aplicação da política cultural da Revolução.

É inadiável a revisão das bases dos concursos literários nacionais e internacionais promovidos por nossas instituições culturais, assim como a análise das condições revolucionárias dos integrantes dos júris e dos critérios de premiação.

Ao mesmo tempo, é necessário estabelecer um rigoroso sistema para o convite de escritores e intelectuais estrangeiros, a fim de evitar a presença de pessoas cuja obra e ideologia sejam contrárias aos interesses da Revolução quanto à formação das novas gerações ou que hajam desenvolvido atividades de franco diversionismo ideológico.

Os meios culturais não podem servir de ambiente à proliferação de falsos intelectuais que pretendem converter o esnobismo, a extravagância, o homossexualismo e outras aberrações sociais em expressões da arte revolucionária, distantes das massas e do espírito de nossa revolução.

O Congresso recomenda que tanto na música como nas demais manifestações da arte e da literatura se concentre o esforço em:

1. trabalhar para o desenvolvimento de nossas próprias formas e valores culturais revolucionários;
2. desenvolver o conhecimento dos valores culturais dos povos irmãos da América Latina;
3. assimilar o melhor da cultura universal, sem imposições externas;
4. desenvolver programas didáticos, para estudos do caráter e da origem da música cubana.

A cultura atua sobre a realidade que a origina e participa das lutas dos povos que, ao longo dos séculos, têm sido vítimas da opressão do colonialismo e da exploração capitalista. A cultura, assim

como a educação, não é nem pode ser apolítica ou imparcial. É um fenômeno social e histórico, condicionado pelas necessidades das classes sociais e suas lutas e interesses ao longo da história. O apoliticismo não é senão um posicionamento vergonhoso e reacionário na concepção e na expressão cultural.

Para a burguesia, a eliminação dos elementos culturais próprios de sua classe e de seu regime político significa o desaparecimento da própria cultura como tal.

Para a classe operária e povo trabalhador, a cultura nascida da luta revolucionária representa a conquista do que há de mais valioso no acervo cultural da humanidade, cujo acesso lhe foi vedado durante séculos pelos exploradores.

O intelectual revolucionário deve dirigir sua obra no sentido de erradicar os vestígios da velha sociedade que subsistem no período de transição do capitalismo para o socialismo.

– 2–

A formação plena do homem exige o desenvolvimento de todas as suas capacidades por parte da sociedade. Na sociedade comunista, não existem obstáculos para esse desenvolvimento integral.

A educação também se realiza através da participação em todas as manifestações da arte e da literatura.

A escola socialista, juntamente com as demais forças organizadas da sociedade, é o principal fator para a formação integral do homem. A atividade artística constitui um dos seus elementos essenciais desde os primeiros anos escolares.

A educação técnico-científica, político-ideológica, física, moral e estética constitui nosso conceito de formação integral do homem.

– 3 –

Durante o período colonial, a cultura africana, apesar da opressão brutal, fundiu-se com a cultura espanhola criando as bases do que seria a cultura cubana.

Nas primeiras décadas do século passado, delineiam-se os traços iniciais da nossa nacionalidade, começando expressar-se na arte e na literatura.

As lutas de nosso povo pela independência da Espanha consolidam, na cultura nacional, suas características próprias e, por outro lado, a sua capacidade de assimilar elementos culturais universais.

José Martí, na sua vida e obra, é o mais alto expoente da cultura cubana, exemplo da identificação do intelectual com a causa da sua pátria e de seu povo, até a própria morte. Nas fileiras dos Mambises, ao lado dos camponeses, dos negros escravos libertos pela revolução, dos artesãos e outros trabalhadores da cidade, combateram e morreram profissionais liberais, universitários, artistas e escritores.

Contra as tendências intelectuais revolucionárias que criaram uma cultura nacional, opôs-se uma corrente entreguista, expressão das tendências políticas reacionárias da época: os anexionistas, os reformistas, os autonomistas, plattistas de 1901, que depois prosperaram na pseudo-república.

A revolução patriótica, antiimperialista e popular, preconizada e dirigida por José Martí, foi detida pela intervenção ianque de 1898. A partir deste momento, o imperialismo norte-americano, arrogante e brutal, desenvolveu o seu projeto de neocolonização econômica, política e cultural.

A neocolônia instaurada em Cuba impôs que as riquezas básicas passassem às mãos dos monopólios ianques e uma política subordinada aos desígnios da nova metrópole, que reprimiu o povo e iniciou todo um plano de destruição da cultura nacional. Os neocolonizadores depreciaram e pretenderam destruir nossas manifestações culturais, para convencer-nos de que carecíamos de tradição própria. Introduziram suas idéias nos livros escolares, deturpando nossa história. Através do controle dos meios de comunicação de massa, ridicularizaram nosso povo, impuseram o esquema do chamado "modo de vida americano" e iniciaram uma campanha de embrutecimento coletivo por meio da colonização do senso estético.

Sob o domínio imperialista, perpetua-se o atraso colonial que, freando o desenvolvimento, acarretou uma educação palpérrima, um milhão de analfabetos e a comercialização do ensino com todas as formas de discriminação.

A classe operária e os camponeses e estudantes e os intelectuais honestos, fiéis à nossa tradição patriótica, enfrentaram decididamente essa situação. O melhor da intelectualidade cubana, rompendo o cerco imperialista, fez-se herdeiro intransigente do verdadeiro passado cultural, dentro das novas condições históricas.

– 4 –

A tomada revolucionária do poder possibilitou aos escritores e artistas mostrarem suas obras com uma facilidade sem precedentes, livre da hostilidade da sociedade capitalista.

A campanha de alfabetização, a nacionalização do ensino

e dos meios de comunicação, os programas de bolsas e a criação de organismos culturais foram premissas essenciais dessa transformação. Despertou-se no povo a avidez pelos livros, peças teatrais, filmes e obras de arte.

Desde o primeiro momento, a Revolução Cubana contou com a solidariedade de todos os povos e com o setor mais avançado da intelectualidade internacional. Porém, ao lado dos que aderiram honestamente à causa revolucionária, entendendo-a como justa e defendendo-a, pseudo-esquerdistas do mundo capitalista utilizaram a revolução como forma de ganhar prestígio entre os povos subdesenvolvidos. Esses oportunistas tentaram influenciar-nos com suas idéias obsoletas, impôr suas modas e gostos e, inclusive, atuar como juízes da Revolução. Não são mais do que porta-vozes de uma nova colonização: pretendem ditar-nos normas políticas e culturais a partir das capitais do mundo ocidental. Esses personagens vêm achando em nosso país um grupelho de colonizados mentais, que têm sido eco de suas idéias.

Esses, que apenas recolhem do chão os elos quebrados pelo nosso povo em mais de cem anos de luta, merecem o nosso mais profundo repúdio, que se manifesta no fortalecimento de nossas organizações de massas, especialmente do movimento operário, nas assembléias de trabalhadores da educação de todos os setores da atividade social. E são os próprios trabalhadores que têm denunciado suas idéias obsoletas que tentam denegrir o nosso povo e desorientar os nossos jovens.

É o povo quem a todo momento soube salvaguardar e defender a cultura. A seu lado, está a maior parte de nossos artistas e escritores, todos os nossos maiores valores, cujo trabalho tem sido de certa maneira prejudicado durante os últimos anos por essa corrente obscurantista e colonizante.

– 5 –

Somos um país bloqueado. Construímos o socialismo a poucos passos do coração do imperialismo mundial, no meio de um continente que, até muito pouco tempo, foi o quintal onde ele exerceu seu poder absoluto.

A ameaça de agressão militar do imperialismo ianque contra Cuba não é uma mera especulação; tem estado presente durante todo o nosso processo revolucionário.

Nosso povo luta contra o imperialismo e constrói o socialismo em todas as frentes.

A arte é uma arma da revolução, um produto da decisão de luta de nosso povo, um instrumento contra a infiltração do inimigo.

A Revolução socialista é a maior conquista da cultura cubana e, partindo desta inegável verdade, dispomo-nos a continuar na luta por seu maior aprofundamento.

Nossa arte e nossa literatura serão importantes meios para a formação da juventude e da moral revolucionária, que exclui o egoísmo e outras deformações típicas da cultura burguesa. A cultura numa sociedade coletivista é uma atividade desenvolvida pelas massas; não é monopólio de uma *elite*, nem adorno para poucos escolhidos ou carta branca para os incompreendidos.

No seio das massas encontra-se o verdadeiro gênio, e não em cenáculos ou indivíduos isolados. O usufruto classista da cultura determina que só alguns indivíduos excepcionais se destaquem. Mas, esse é apenas o sintoma da pré-história da sociedade, não o traço definitivo de nossa cultura.

A verdadeira história da humanidade, aquela que começa com a luta revolucionária e a conseqüente tomada do poder, é protagonizada pelas massas. E então se destaca irreversivelmente a condição humana, política e ideológica de cada homem. O homem liberto, consciente e dono de seu destino não se sujeitará à coerção de nenhuma prática excludente. A inteligência das massas exercerá a cultura em toda a sua potencialidade criadora, abrindo possibilidades ao crescimento integral do indivíduo.

Os professores, técnicos, cientistas, estudantes, todos os trabalhadores podem, no campo da literatura, assim como em outros, transmitir muitas de suas ricas vivências e desenvolver aptidões artísticas e literárias.

A formação ideológica dos jovens escritores e artistas é uma tarefa da máxima importância para a Revolução. É nosso dever educá-los no marxismo-leninismo, imbuí-los com os ideais da Revolução e capacitá-los tecnicamente.

A revolução liberta a arte e a literatura dos ferozes mecanismos da oferta e da procura, reinantes na sociedade burguesa. A arte e a literatura deixam de ser mercadorias, criando-se maiores possibilidades para a expressão e experimentação estática nas suas mais variadas manifestações, com base num rigor ideológico e alta qualificação técnica.

A arte da Revolução, ao mesmo tempo que estará estreitamente vinculada à raízes de nossa nacionalidade, será internacionalista. Apoiaremos as expresões culturais legítimas e combativas que o imperialismo tenta apagar na América Latina, na Ásia e na África. Nossos organismos culturais serão veículos de expressão dos verdadeiros artistas destes continentes, dos ignorados, dos perseguidos, dos que

não se deixam domesticar pelo colonialismo cultural e militam ao lado de seus povos na luta anti-imperialista.

Condenamos os falsos escritores latino-americanos que, depois dos primeiros êxitos, conseguidos com obras onde expressavam o drama de seus povos, quebraram os vínculos com seus países de origem e refugiaram-se nas capitais das decadentes sociedades da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, convertendo-se em agentes da cultura metropolitana imperialista. Em Paris, Londres, Roma, Berlim Ocidental e Nova Iorque, estes fariseus encontram melhor campo para suas ambigüidades, vacilações e misérias, geradas pelo colonialismo cultural que aceitam e professam. Só receberão dos povos revolucionários o desprezo merecido pelos traidores e desertores.

Nesse sentido, é oportuno lembrar a moção de um delegado no Congresso Cultural em Havana:

> Nós, ocidentais, já estamos tão contaminados que o intelectual consciente deveria, em primeiro lugar, dizer a todos os homens dos países atrasados: "Desconfiem de mim. Desconfiem das minhas palavras, de tudo o que eu tenho. Estou doente e a doença é contagiosa. Minha única saúde é me saber doente. Aquele que não se sente doente, é um dos casos mais graves". Nossa doença é a colonização das consciências. Foi-nos inoculada durante a longa guerra psicológica deflagrada pelo capitalismo contra os povos que governa.

Os povos dos países colonizados e explorados do mundo contemporâneo não hesitarão na hora de escolher o seu destino. Não se tem que lutar só contra a opressão econômica dos monopólios, mas também opor-se e rechaçar idéias e modelos culturais colonizantes. O imperialismo tem praticado genocídio cultural contra estes povos, tentando subverter seus valores nacionais e até mesmo seus idiomas. Esse processo de aniquilamento cultural tem sido constante em nossos três continentes, manifestando-se com brutal magnitude no Vietnã, Laos e Cambodja. Ou seja, o combate decisivo tem que ser travado em todas as frentes: econômica, política e ideológica.

De suas metrópoles, os aliados conscientes do imperialismo tentam influenciar os povos subdesenvolvidos para submetê-los ao neocolonialismo cultural: essa é a realidade vivida pelos países explorados.

Combatemos todo o intento de colonialismo no campo ideológico ou estético. Não cultuamos os falsos valores que refletem as estruturas das sociedades que desprezam nossos povos. Rechaçamos

as pretensões da máfia de intelectuais burgueses pseudo-esquerdistas de se erigirem enquanto consciência *crítica* da sociedade. Consciência *crítica* da sociedade é papel que cabe apenas ao próprio povo, em primeira instância à classe operária, preparada pela sua experiência histórica e pela ideologia revolucionária para entender e julgar, com maior lucidez que qualquer outro setor social, os atos da Revolução.

A condição de intelectual não outorga privilégio algum. Sua responsabilidade é compartilhar essa crítica com o povo e no meio do povo. Mas, para isso é necessário compartilhar os interesses, os sacrifícios e riscos desse povo. Aqueles que com a velha "arrogância senhorial", como dizia Lênin, se atribuem o papel de críticos exclusivos, enquanto abandonam o cenário das lutas e utilizam nossos povos latinos-americanos como tema para suas criações literárias, convertendo-se em favorecidos dos salões burgueses e editoriais do imperialismo, esses não se podem erigir em juízes da Revolução. Pelo contrário, seus povos, dos quais desertaram, saberão julgá-los, distinguindo-os dos intelectuais verdadeiramente revolucionários, daqueles que têm ficado com o povo e no povo, participando da difícil tarefa cotidiana de criar e combater, compartilhando todos os riscos, como Martí e Chê, trocando a "trincheira de idéias" pela "trincheira de pedras" e respondendo ao chamado dos imperativos do dever.

Nossas manifestações culturais contribuirão na luta dos povos pela libertação nacional e pelo socialismo. Não compactuaremos com a difusão das expressões artísticas mais acabadas do imperialismo, entre as quais se destaca a pornografia, manifestação inequívoca de sua própria decadência. Uma sociedade nova não pode cultivar a imundície do capitalismo. O socialismo não pode começar onde acabou Roma. Nossas obras artísticas elevarão a sensibilidade e a cultura do homem, criarão nele uma consciência coletivista e não deixarão qualquer espaço às múltiplas formas de diversionismo do inimigo.

Enquanto o imperialismo utiliza todos os meios para semear a decadência, a corrupção e o vício, nós aprofundamos o trabalho no rádio, televisão, cinema, livros e publicações que circulam no país, de maneira que se constituam, cada vez mais, barreiras intransponíveis à penetração ideológica imperialista.

Os farsantes ficarão contra Cuba. Os intelectuais verdadeiramente honestos e revolucionários entenderão a justeza de nossa posição; este é o povo de Giron e da Crise de Outubro, o povo que defendeu, defende e defenderá sua Revolução, a apenas 90 milhas do imperialismo.

Muitos escritores pseudo-revolucionários que, na Europa Ocidental, têm-se feito passar por esquerdistas, na realidade defendem posições contrárias ao socialismo. São aqueles que brincam de mar-

xismo e são contra os países socialistas, que se dizem solidários com as lutas de libertação, mas apóiam a agressão israelense e a conquista de territórios árabes, sob os auspícios do imperialismo norte-americano. Os que definitivamente transformam o esquerdismo em mercadoria acabarão por deixar cair a máscara.

Que se pare já e para sempre de brincar com o destino dos povos. Nós, desta região sitiada, proclamamos que nossos povos têm que dar um grito bem alto de independência contra a colonização cultural.

Este Congresso faz suas, pela sua atualidade e vigência plenas, as admiráveis palavras de José Martí:

> Chorem os menestréis das monarquias sobre as estátuas de seus reis quebradas, aos pés dos cavalos das revoluções; chorem os trovadores republicanos sobre o berço de suas repúblicas de vermes putrefatos; chorem os bardos dos velhos povos sobre os cetros despedaçados, os monumentos destruídos, a virtude perdida, o desalento aterrador. O delito de ter sabido ser escravo paga-se sendo-o por mais tempo ainda. Nós temos heróis para eternizar, heroínas para enaltecer, façanhas admiráveis para louvar; e mais, temos que desagravar a legião gloriosa de nossos mártires que nos pede, queixosa, que entoemos seus hinos.

Fidel Castro
DISCURSO DE ENCERRAMENTO

Senhores convidados.

Companheiros da Presidência.

Companheiras e companheiros delegados do Primeiro Congresso Nacional da Educação e Cultura.

Companheiras e companheiros do Sindicato Nacional de Educação, Cultura e Ciência . . . Falta alguém aí?

Como sabem os companheiros do Congresso, hoje estamos já há dezesseis horas e quinze minutos trabalhando, sem parar um minuto. Por isso não queremos abusar, nem muito menos que alguns durmam, e trataremos de ser breves.

Não vamos falar dos objetivos, das conclusões, das propostas, porque isso já foi amplamente debatido e acaba de ser exposto na Declaração do Congresso.

Parece-nos que o mais importante é assinalar, para que se tirem as conclusões necessárias, outros aspectos dignos de nota. Em primeiro lugar; este Congresso foi o desenvolvimento conseqüente de uma linha de massas na educação.

Participaram neste Congresso praticamente todos os professores e mestres do país, que somam quase cem mil. Houve milhares de reuniões de base. Foram trazidos ao Congresso e discutidos 413 relatórios. Foram recebidas 7.843 propostas das quais foram selecionadas e discutidas 4.703, tendo sido aprovadas entre duas mil e quinhentas a três mil – falta o dado exato – que serão publicadas, junto com as deliberações, nos Anais deste Primeiro Congresso.

De maneira que aqui se traduziu a expressão fiel do que pensam, do que sentem, o que sonham, o que desejam e o que preocupa os nossos educadores.

Para o êxito deste Congresso contribuiu o pleno apoio de todas as organizações de massas e dos organismos. Assim, em seu Congresso os educadores contaram com o apoio total de todo o país.

O Congresso caracterizou-se pela sua magnífica organização, seu extraordinário trabalho prévio (que começou desde as bases);

caracterizou-se pela seriedade das análises e das discussões, pela profundidade dos debates e pelo extraordinário espírito de trabalho.

Trabalhou-se de verdade e sem descanso neste Congresso, tanto que apenas se parou para dormir! E como resultado desse trabalho conseguiu-se o que se pode considerar um magnífico programa educacional para o nosso país, quer dizer, para esta etapa da Revolução. De fato, temos já o programa de educação da Revolução para esta década, que resume a experiência de nossos educadores nestes anos.

O Congresso deixou bem claro algo que não nos toma de surpresa, que é o considerável número de quadros e de valores educacionais que se têm desenvolvido nestes anos da Revolução.

O Congresso pôs em evidência também os níveis que se vão alcançando e a complexidade crescente destes problemas. E, portanto, a necessidade de um maior esforço de aperfeiçoamento, de um maior rigor no estudo e no trabalho, para responder a uma exigência crescente de qualidade e de técnica, à medida em que cresce o próprio nível de nossos educadores e, por certo, as complexidades em nossos problemas educacionais.

Revelou-se um superior espírito de camaradagem entre os delegados do Congresso. E, entre todos os companheiros, prevaleceu a todo instante um verdadeiro espírito de fraternidade, de companheirismo, de cooperação, sem egoísmos, sem individualismos, sem grupismos, sem nenhuma manifestação do desejo de prevalecer, de predominar ou de ganhar popularidade.

O Congresso caracterizou-se, ademais, por uma grande exigência. E nas sessões plenárias prevaleceu um forte espírito de crítica e, poderíamos dizer, de pressão por parte de cada um dos delegados que pedia a palavra. Quer dizer, a rápida e imediata inconformidade com o menor detalhe, com o menor descuido, com a menor perda de tempo.

Assim, parecia-nos que este Congresso era um pouco a imagem da futura sociedade de nosso país. E temos que pensar se num mundo assim poderá viver um analfabeto, um ignorante, e se também se coloca desde agora, entre outras muitas razões que se expuseram, de ordem econômica, científica e de todo o tipo, a educação como condição elementar da vida espiritual e moral do homem de amanhã. Porque cremos que numa sociedade que avança para níveis superiores de cultura a vida para o ignorante será moralmente insuportável.

Observávamos todas estas características à medida que se desenvolvia o Congresso e meditávamos sobre estes problemas.

Os debates foram amplíssimos nas Comissões, as opiniões foram expostas com absoluta franqueza, com absoluta liberdade, como não se pode conceber em nenhuma outra sociedade que não seja a socialista, expressando a todo instante unicamente os interesses da comunidade e da Pátria, que são os interesses dos estudantes, os interesses das crianças, os interesses dos trabalhadores.

Os professores e mestres não expunham aqui as suas preocupações por um grupo de crianças privilegiadas, não vinham aqui defender com calor e paixão as iniciativas que iriam beneficiar uma minoria da classe exploradora e privilegiada. Defendiam as opiniões e os interesses dos filhos de nossos trabalhadores e camponeses, em toda a extensão da Ilha; expressavam e refletiam suas inquietações por aquelas crianças que vão às escolas, humildes, porém, sim, muito pobres, mas muito dignas, das montanhas de Baracoa ou da Sierra Maestra, ou do Escambray ou da Ciénaga de Zapata, ou da Península de Guanahacabibes. Estavam representando os interesses de todas as crianças sem exceção; lutavam por tudo aquilo que de um modo ou de outro podia melhorar a qualidade de ensino que recebem essas crianças, a qualidade de ensino de 1.600.000 crianças matriculadas em nossas escolas primárias, a de quase 200 mil estudantes dos cursos de ensino médio e superior e de centenas de milhares de adultos que estudam em escolas de aperfeiçoamento operárias e campesinas e outras escolas; enfim, os interesses de mais de dois milhões e trezentas mil pessoas que estudam, o que quer dizer os interesses mais sagrados do nosso povo, os interesses mais fundamentais da nossa Pátria, dos quais depende o presente e, em grau extraordinário, o futuro.

Eis o que representam aqui todos os delegados do Congresso: todos os interesses de toda a sociedade, de uma sociedade que extinguiu a exploração do homem pelo homem, que suprimiu o sistema de exploração que existia. E por isso somente num processo revolucionário e somente após uma Revolução tão profunda como a que ocorreu na nossa pátria podia ter lugar um Congresso como este. Porque no passado como seria um Congresso como este? Disso temos o testemunho de alguns delegados. Discussões econômicas de todo tipo, em meio de uma luta ideológica pela sobrevivência, facções. Aqui estariam representadas todas essas correntes que foram combatidas. Aqui teríamos também um conjunto de professores e mestres representando, em algumas ocasiões, os mesmos interesses que representam agora: os dos camponeses, dos operários e dos estudantes. Mas teriam possivelmente uma minúscula participação neste Congresso. Teriam estado representadas todas as organizações e partidos burgueses, um Congresso dividido em uma dezena de partidos; teriam estado representados, decerto, os interesses dos exploradores. Aqui teriam estado representadas todas as correntes mais obscurantistas, mais retrógradas e negativas. E isso não poderia jamais ser chamado Congresso.

Mas o que caracterizou especialmente este Congresso? O que nos chamou extraordinariamente a atenção? É que neste Congresso, onde se discutiam inúmeras questões, onde se apresentaram centenas de relatórios e milhares de propostas das quais muitas tinham que ser, e eram, objeto de debates apaixonados, sobretudo as relaciona-

das com as técnicas, com os problemas dos métodos, avaliações, problemas práticos dos muitos que se referiram aqui, neste Congresso, onde se discutiu tanto sobre todos os problemas discutíveis e controversos, sem dúvida, no que se refere às questões revolucionárias, políticas, havia uma posição firme, sólida, unânime e monolítica.

Os temas que suscitaram mais ardor, mais paixão e mais unanimidade, que provocaram os mais clamorosos aplausos, foram precisamente aqueles que abordavam as questões ideológicas, políticas e revolucionárias, e que revelavam até que ponto as idéias revolucionárias, patrióticas, as idéias internacionalistas e marxistas-leninistas tinham ficado no coração e consciências de nosso povo e muito particularmente em uma grande parte de nossos educadores. Estes, como os mestres, enviaram aqui delegados que eram o fiel reflexo desse pensamento, dessas idéias, dessas posições verticais e radicais, fundamentais em política. E por isso sentimo-nos estimulados e otimistas ao saber que o movimento de nossos educadores – em cujas mãos está a educação de mais de dois milhões de pessoas, a educação da atual geração – alcançou já esses níveis de consciência revolucionária e política.

Conseguiu-se elaborar um conjunto de idéias magníficas. Não temos a pretensão de dizer que atingimos a perfeição, que todas as idéias apresentadas foram as melhores. No entanto, temos a impressão de que nos aproximamos do máximo, do ideal. É lógico que nos próximos anos, respondendo a novas experiências e necessidades, teremos maiores progressos. Mas com o que se elaborou pode-se dizer que se inicia uma nova etapa na nossa educação, que se inicia uma verdadeira revolução.

Acreditamos que este Congresso significará um salto de qualidade inquestionável; acreditamos que este Congresso contribuirá para destacar a importância da educação; acreditamos que este Congresso contribuirá decisivamente para que o nosso povo tome consciência da importância fundamental deste problema.

Acredito que este Congresso, que conseguiu *a priori* o apoio de todos e muito especialmente das nossas organizações de massa, terá esse apoio assegurado nos anos futuros, num nível superior ao que jamais alcançamos.

Acredito que este Congresso contribuirá para elevar extraordinariamente a dignidade dos educadores e que elevará também, na consciência de todo o povo, o papel dos educadores, como reconhecimento ao seu trabalho e, além disso, como reconhecimento ao seu sentido do dever.

E ainda que o papel do educador mereça o reconhecimento de todo o povo, merecem especial reconhecimento essas palavras emanadas do Congresso ao expressar que os próprios educadores contribuirão decisivamente para isso, que eles deverão alcançar a mais alta

estima de nosso povo pelo seu próprio trabalho, pelo seu próprio esforço e espírito de aperfeiçoamento.

Neste Congresso assinalaram-se as dificuldades com que nos defrontamos na realização prática das tarefas da educação, problemas de diversos tipos, que vão desde os problemas de família, problemas dos serviços públicos, problemas de transportes e outras dificuldades de ordem material que dificultam o trabalho, o desempenho ideal da atividade, muitas das quais, infelizmente, levaremos anos para resolver. Mas entre elas há, sem dúvida, muitas que podem ser aliviadas, que podem ser melhoradas à medida em que todo o povo, todas as organizações de massa e todos os organismos se empenhem em superá-las.

Essa tomada de consciência por todo o povo acerca da importância da educação sem dúvida nos ajudará a facilitar as condições de trabalho de nossos mestres. Essa tomada de consciência é que faz com que alguém que tenha carro, em lugares onde não há nenhum outro veículo, ao encontrar um mestre esperando para ir à escola, ou de regresso da escola, se conscientize de que está em frente de um mestre que está formando as novas gerações, e que cada hora, cada minuto que ele perca quem o perde é o país. Essa tomada de consciência é que faz com que ele pare – mesmo estando com pressa – para lhe prestar uma colaboração e uma ajuda. Este exemplo é apenas um dos muitos, um dos milhares de exemplos em que a tomada de consciência, o espírito de cooperação pode colaborar com o trabalho da educação. E assim também os organismos que estão à frente dos serviços públicos e em particular as organizações de massa, cujo apoio é fundamental e decisivo nas tarefas da educação. Por que foi consenso geral que a educação, na qual os educadores têm um papel muito importante, é, sem dúvida, dever de todos e tarefa de todos, obrigação de todos e esforço de todos.

Por nossa parte, a direção do nosso Partido e o Governo Revolucionário, que sempre se preocuparam com os problemas da educação, sem dúvida deram a esta atividade grandes recursos de diversos tipos, visto que hoje trabalham no campo da educação, da cultura e da ciência – como disse hoje uma nossa companheira – cento e setenta e cinco mil trabalhadores, quase cem mil professores e mestres, sem contar as dezenas de milhares de jovens que se estão preparando para esta atividade. Contarão, afirmamos, com o máximo apoio do Partido e do Governo Revolucionário, porque este Congresso servirá, ademais, para que tenhamos uma visão mais pormenorizada, mais detalhada dos problemas, e para irmos além dispomos desse magnífico material que se elaborou para trabalhar no campo da educação.

Pois ainda que se hajam posto grandes recursos a serviço da educação, não viamos, contudo, com suficiente clareza, como ainda restavam recursos potenciais para apoiar a atividade da educação; re-

cursos que temos em mãos e que, mesmo que já trabalhados nesse sentido, podem, porém, fazer muito mais pela educação.

Temos, desde já, as organizações de massa absolutamente identificadas com a tarefa dos educadores. Mas, além disso, temos outros recursos técnicos, temos os recursos que foram assinalados.

Temos o Instituto do Livro, por exemplo. É verdade que se fez um grande esforço de impressão. É verdade que se triplicaram, quadriplicaram os livros impressos. Mas também é verdade que, se vamos atender a cem por cento das necessidades, todas essas gráficas e todas essas capacidades são, todavia, limitadas, mesmo incluindo a nova gráfica que nos proporcionaram os amigos da República Democrática Alemã, que está prestes a entrar em funcionamento.

Mas tem de haver um rigoroso critério sobre as prioridades do nosso Instituto do Livro. E esse critério pode resumir-se nestas palavras: dos livros que se imprimirem no Instituto, a primeira prioridade é dos livros para a educação, a segunda prioridade dos livros para a educação e a terceira prioridade dos livros para a educação. Isso está mais do que claro.

Há determinados livros que, por questão de princípios, não deveriam ter um só exemplar publicado, nem um capítulo, nem uma página, nem uma letra sequer!

Claro está que temos que levar em conta a aprendizagem, a nossa aprendizagem. Claro está que, no decorrer destes anos, temos conhecido melhor, a cada dia, o mundo e seus personagens. Alguns deles foram aqui retratados nítida e elogiosamente. Como aqueles que trataram de se apresentar como simpatizantes da Revolução e depois se revelaram verdadeiras raposas . . . Mas já as conhecemos e a nossa experiência servirá para os outros, servirá para os países latino-americanos, para os países asiáticos e para os países africanos.

Descobrimos essa outra forma sutil de colonização, que muitas vezes sobrevive e pretende sobreviver ao imperialismo econômico, ao colonialismo, que é o imperialismo cultural, o colonialismo político que descobrimos amplamente e que teve aqui algumas manifestações. Mas não vale a pena determo-nos sobre isso. Acreditamos que o Congresso e seus acordos são mais do que suficientes para afastar como uma catapulta essas correntes.

Porque, definitivamente, se você ler um jornal burguês liberal *da* Europa e *na* Europa, para eles os problemas deste país não são os problemas de um país a noventa milhas dos Estados Unidos, ameaçado pelos aviões, as esquadras, os milhões de soldados do imperialismo, suas armas químicas, bacteriológicas, convencionais e de todo o tipo. Não é o país travando uma épica batalha contra esse império que nos quer destruir e bloquear por todas as partes, não! Não são estes

problemas, que nos dão as condições de um país subdesenvolvido, que tem que lutar pelo seu sustento em condições difíceis. Não são os problemas de mais de dois milhões de crianças e jovens ou de estudantes que temos que atender, fornecer livros, material, lápis, roupa, sapatos, móveis, mesas escolares, lousas, meios audiovisuais, giz, alimentos, muitas vezes (visto que temos meio milhão de pessoas, aproximadamente, que comem nas escolas), aulas, edifícios. Não! Para estes senhores, que vivem num mundo tão irreal, isto não são problemas, isto não existe.

Devem estar completamente loucos ou adormecidos, à margem do mundo para crer que estes não são os nossos problemas, para ignorar os reais problemas que temos, que vão desde o livro de textos, o meio audiovisual, o curriculum, a articulação do curriculum, os métodos de ensino, os níveis, as preparações, etc. etc.

E acreditam que os problemas deste país podem ser os problemas de duas ou três ovelhas tresmalhadas, que podem ter alguns problemas com a Revolução porque "não lhes dão o direito" de semear o veneno, a insídia e a intriga na Revolução.

Por isso, quando trabalhávamos nestes dias no Congresso, alguns diziam que certamente iria mencionar isso esta noite. Mas por quê? Por que tenho que me referir a estas baixezas? Por que temos que elevar à categoria de problemas déste país problemas que não são problemas para este país? Por quê, senhores liberais burgueses? Acaso não conhecem bem demais o que pensa e o que expressa a massa de milhões de trabalhadores e camponeses, de milhões de estudantes, de milhões de famílias, de milhões de professores e mestres,que sabem de sobra quais são seus verdadeiros e fundamentais problemas?

Algumas questões relacionadas com as intrigas intelectuais não têm aparecido nos nossos jornais. Então: "Que problema, que crise, que mistério, que nem aparecem nos jornais". É que, senhores liberais burgueses, estas questões são demasiado transcedentes, demasiado baixas para que ocupem a atenção de nossos trabalhadores e as páginas de nossos jornais. Nossos problemas são outros. E já apareceram as histórias, já apareceram os probleminhas em alguma revista literária: mais do que suficiente. E o público pode dedicar-lhes seus momentos de ócio ou de tédio – se é que cabe – como um passatempo ou como uma ilustração útil a essas questões, que querem a todo custo que elevemos à categoria de problemas imp tantes.

Porque todos esses periódicos reacionários, burgueses, a soldo do imperialismo, corrompidos até a medula dos ossos, a mil milhas de distância dos problemas desta Revolução e de países como o nosso, crêem que esses são os problemas. Não, senhores burgueses: nossos problemas são os problemas do subdesenvolvimento e de como sair do atraso em que nos deixaram vocês, os exploradores, os imperia-

listas, os colonialistas; como nos defendermos do problema do criminoso e desigual intercâmbio, do saque de séculos. Estes são os nossos problemas.

E os outros problemas? Se trouxermos a este Congresso esses agentes do colonialismo, acredito que teremos que usar a Polícia, não obstante o civismo e a disciplina de nossos trabalhadores e dos delegados do Congresso. Não podemos nem trazê-los, isso todo mundo sabe. Pelo profundo desprezo que incessantemente se manifesta sobre estas questões.

Asssim, referi-me a isto para explicar o porquê aos liberais burgueses.

Estão em guerra contra nós. Que bom! Que maravilha! Vão-se desmascarar por completo! Estão em guerra, sim, contra o país que mantém uma posição como a de Cuba, a noventa milhas dos Estados Unidos, sem uma só concessão, sem a menor demonstração de fraqueza, que faz parte de todo um mundo composto por centenas de milhões que não poderão servir de pretexto aos pseudo-esquerdistas descarados que querem ganhar coroas de louros vivendo em Paris, em Londres, em Roma. Alguns deles são latino-americanos descarados que em vez de estarem na trincheira de combate vivem em salões burgueses, a dez mil milhas dos problemas, usufruindo da fama que ganharam quando, numa primeira fase, foram capazes de expressar um pouco dos problemas latino-americanos. Mas com respeito a Cuba, não poderão voltar a usá-la, nem mesmo para a defender. Quando nos forem defender, diremos: "Não nos defendam, compadres, por favor não nos defendam!". "Não nos convém que nos defendam!". "Não nos convém que nos defendam!", diremos.

E, como se resolveu no Congresso, concursos, aqui, para virem fazer o papel de juízes? Não! Para fazer o papel de juízes têm que ser, aqui, revolucionários de verdade, intelectuais de verdade, combatentes de verdade! E, para receber um prêmio, em concurso nacional ou internacional, tem que se ser revolucionário de verdade, escritor de verdade, poeta de verdade, revolucionário de verdade. Isso está claro. Mais claro que água. E as revistas e concursos não são para farsantes. São para escritores revolucionários, esses que os de Paris desprezam porque os olham como aprendizes, como pobres infelizes que não têm fama mundial. Esses senhores buscam a fama, mesmo que seja a pior fama – mas sempre procurem, se possível, a melhor.

Agora aqui terão lugar, sem nenhuma contemplação nem vacilações, nem meias tintas nem panos quentes, terão lugar somente os revolucionários.

Já sabem, senhores intelectuais burgueses e acusadores burgueses, agentes da CIA e das Inteligências do imperialismo, quer dizer, dos serviços de Inteligência, de espionagem do imperialismo: em

Cuba não terão entrada!. Não terão entrada! Como não a damos também à UPI e à AP. Fechamos as portas por tempo indefinido e por tempo infinito!

Isto é tudo o que temos a dizer sobre o assunto.

Agora, todo livro que se publique aqui, todo o papel que se imprima, todo espaço útil em qualquer lugar, em todos os meios de divulgação, não digo que os vamos usar cem por cento na educação. Infelizmente, não podemos. Não podemos não porque não estejam disponíveis, mas porque não teríamos o material suficiente, o pessoal qualificado necessário para dedicar toda a televisão inteiramente à educação.

Se a educação atrai, a cultura faz parte da educação; as melhores obras culturais, as melhores criações artísticas do homem e da humanidade fazem parte da educação. E todas as que puderem ser usadas serão usadas. E deverão ser usadas cada vez mais.

Falou-se aqui da necessidade que temos de filmes infantis, de programas de televisão infantis, de literatura infantil. E não é somente em Cuba, praticamente em todo o mundo se sente essa carência. Mas como vamos ter esses programas infantis se surgem alguns escritores, influenciados por essas tendências, que pretendem ganhar nome não escrevendo algo útil para o país, mas sim ao serviço das correntes ideológicas imperialistas? E têm recebido prêmios esses senhores, escritores de lixo, muitas vezes. Porque, independentemente de maior ou menor nível técnico para escrever, maior ou menor imaginação, nós, como revolucionários, damos valor às obras culturais em função dos valores que contenham para o povo.

Nós, um povo revolucionário num processo revolucionário, avaliamos as criações culturais e artísticas em função da sua utilidade para o povo, em função do que tragam ao homem, em função do que tragam à reivindicação do homem, à libertação do homem, à felicidade do homem.

Nossa avaliação é política. Não pode haver valor estético sem conteúdo humano. Não pode haver valor estético contra a justiça, contra o bem-estar, contra a libertação, contra a felicidade do homem. Não pode haver!

Para um burguês qualquer coisa pode ser um valor estético que o entretenha, que o divirta, que o ajude a passar seus ócios e seus tédios de parasita improdutivo. Mas essa não pode ser a avaliação para um trabalhador, para um revolucionário, para um comunista. E não podemos ter nenhum medo de expressar claramente estas idéias. Se os revolucionários tivessem tido medo das suas idéias onde diabo estariam? Teriam dez correntes no pescoço e cem mil patas sobre os ombros – não digo pés – patas de verdugos, de opressores, de imperialistas. Por alguma coisa uma Revolução é uma Revolução, existe e se des-

envolve. E *por* alguma coisa e *para* alguma coisa existem os revolucionários. Estas são e têm que ser as avaliações. E não podem haver outras.

Diziamos, então, que é natural que faltem livros de literatura infantil. Isto porque tinhamos umas minorias privilegiadas escrevendo coisas de que não se tirava nenhum proveito, expressões de decadência. Ah, mas em parte também porque foram adotados determinados critérios.

Nos nossos dias, quem se considera intelectual? Há um grupelho que monopolizou o título de intelectual, de trabalhador intelectual. Os cientistas, os professores, os mestres, os engenheiros, os técnicos, os pesquisadores, para eles, não são intelectuais. Não trabalham com a inteligência. Segundo este critério, os educadores não são intelectuais.

Mas também houve uma certa inibição por parte dos verdadeiros intelectuais, que deixaram nas mãos de um grupelho de feiticeiros os problemas da cultura. Estes são como os feiticeiros das tribos dos tempos primitivos que tinham tratos com Deus, com o Diabo também, e que para além disso curavam, conheciam as ervas que curavam, as receitas, as preces, as mímicas que curavam.

E produz-se ainda esse fenômeno, no meio do nosso primitivismo. Um grupelho de feiticeiros . . . E são eles que conhecem as artes e as manhas da cultura e pretendem ser intelectuais.

Por isso se colocou que, no campo da cultura, temos que promover amplamente a participação das massas, fazer com que a criação cultural seja obra das massas e usufruída por elas. E que os melhores valores que a humanidade criou em todos os séculos, desde a literatura antiga, as esculturas, as pinturas, que foram também o princípio da ciência, da matemática, da geometria, da astronomia, possam ser patrimônio das massas, que as massas possam compreendê-las e desfrutá-las.

E que as massas sejam criadoras.

Acaso não temos cem mil professores e mestres? Não vimos neste Congresso brilhantíssimas intervenções, profundas inteligências, imaginação, caráter, tantas virtudes? Será que entre quase cem mil professores e mestres, para assinalar só um setor de nossos trabalhadores, não se poderia promover um formidável movimento cultural, um formidável movimento artístico, um formidável movimento literário? Por que não procuramos, por que não promovemos, para que surjam novos valores, para que possamos atender essas necessidades, para que possamos ter literatura infantil, para que possamos ter muitos mais programas de rádio e de televisão educacionais, culturais e infantis? É isso que devemos fazer, é esse movimento de massas que devemos propor.

Que melhor exemplo que o de hoje, nos espetáculos com que nos brindaram os jovens do secundário e os pré-universitários? Alguns desses alunos representavam determinadas escolas, nas quais todos os alunos participam de algum Círculo de Interesse Científico, participam em atividades culturais e escrevem, escrevem poesia, obras literárias, obras de teatro, representam e praticam todas as atividades culturais. Vimo-los aqui esta noite.

Se podemos fazer isso em todas as escolas, e podemos fazê-lo – não vimos um grupo de meninos? – podemos e devemos fazê-lo desde os Círculos Infantis, na escola primária, na secundária, na fábrica. Em que nos podem preocupar as magias desses feiticeiros? Em que, se sabemos que temos a possibilidade de fazer todo um povo criador, intelectual, escritor, artista? Todo um povo! A Revolução é isso, o socialismo é isso, o comunismo é isso, porque pretende para as massas, para toda a sociedade livre de exploração, os benefícios da ciência, da cultura, da arte. Isso e tudo o que represente o bem estar do homem . . . Para que lutamos? Para que lutamos?

E o que despertava o vosso interesse, a vossa paixão neste Congresso senão o pensamento do que podiam levar de cultura, de alento, de melhoria, de felicidade, às crianças, aos jovens e aos operários que ensinam?

É isso que queremos para todo o povo. É isso que queremos para as futuras gerações. E que está em nossas mãos. O que nos impede? O que nos impede de o conseguir? Nada! Nenhuma barreira, nenhum obstáculo, se impõe, a não ser o das nossas limitações materiais, nossa falta de níveis, nossa falta de quadros. Esse é o único obstáculo.

Aqui, todos os recursos disponíveis, todas as riquezas, todos os braços, todas as inteligências, todos os corações estão servindo a esse interesse.

E essa será a nossa sociedade do futuro, representada aqui por estes jovens. Mas temos que organizar esses recursos para por em atividade milhões de crianças e de jovens, lutar, trabalhar pelo desenvolvimento econômico do país, pela base material que, junto ao desenvolvimento da ciência, da educação e do movimento de quadros e de pessoal qualificado, nos permita fazê-lo.

Nada nos pode impedir! Essa é hoje a maravilhosa vantagem de nosso país. Não vivemos no capitalismo, não há burgueses roubando operários, não! Os nossos recursos estão nas mãos do próprio povo.

E isso enquanto a Europa capitalista decai, e decai cada vez mais, tanto que não se sabe onde vai parar com sua decadência, como um barco que afunda . . . E como os barcos, neste mar tempestuoso da história afundar-se-ão também seus ratos intelectuais. Quando digo "ratos intelectuais" claro está que não me refiro a todos os intelectuais. Não: também lá eles são uma minoria! Quero dizer os

marujos, os ratos que pretendem converter em coisa transcendental o seu misero papel de tripulantes de embarcações que naufragam nos mares tempestuosos da história.

É assim. E é questão de anos, e talvez não demore sequer muitos anos. É questão de tempo. Essas sociedades decadentes, podres e carcomidas até a medula dos ossos por suas próprias contradições, não durarão muito tempo. E enquanto se afundam nós, com esforço, trabalho e dificuldades, vamos emergindo.

Isso o demonstra o Congresso. O que é ele senão a corroboração desta idéia, o fruto da Revolução, o fruto da profunda transformação de nossas estruturas econômicas e sociais? Parte disso é esta unanimidade, esta força monolitica, esta formação ideológica profunda, esta massa politizada de trabalhadores que sabe onde estão as fraquezas, onde estão os problemas e o que é prioritário nesta luta. E sabe que nada nos pode impedir. Hoje impedem-nos, repito, as nossas limitações, mas cada dia teremos mais escolas; cada dia teremos mais base material, mais instalações, mais meios audiovisuais, mais recursos.

A isso seguir-se-á a incrementação da produção de barras para construção, cimento, indústrias de construção; iremos dispondo, cada vez mais, de maiores recursos, para construir primeiro uma escola, depois outra, depois dezenas, depois centenas. E sabemos que esse é o nosso futuro. E não é um futuro longinquo, já se vê, já se vislumbra.

Estamos conscientes de que temos muitas escolas pobres: seiscentas e trinta mil crianças em escolas multigradas e muitas mais ainda em piores condições. Mas vamos em frente! Esse é o nosso futuro, um futuro já não tão longinquo. Os próximos anos serão testemunhas desses avanços, os próximos anos, seguramente, serão produto deste espirito que hoje tem o nosso povo, nossas massas de trabalhadores, espirito igual ao de nossos educadores.

Devemos assinalar, ao falar destes problemas, como o nosso pais, no meio do bloqueio, das agressões imperialistas, pôde lutar e defender-se, pôde fortalecer-se; como, apesar de nossa escassez de recursos, temos podido sobreviver estes anos. Poderemos ir melhorando e avançando à medida em que comece o isolamento – pouco a pouco e depois amplamente – do imperialismo que nos isolou e bloqueou.

Devemos lembrar que nestes anos temos tido o apoio e a cooperação dos paises socialistas. E, como temos afirmado em outras ocasiões, da União Soviética muito especialmente. Por isso, hoje temos a satisfação de contarmos aqui com uma delegação soviética liderada pelo presidente do GOSPLAN e vice-primeiro ministro da União Soviética, o companheiro Baibakov, que discutiu planos de cooperação econômica com Cuba, e principalmente as formas de desenvolvimento de setores básicos de nossa economia. Por exemplo, a eletricidade, que nos propomos elevar a trezentos mil kilowatts, ou mais, nos próximos anos.

Estamos montando instalações elétricas industriais: Tallapiedra, Regla está começando a se montar, O'Bourke está quase terminada, e faremos outras instalações em Santiago de Cuba e Matanzas, para as quais já temos os equipamentos; e, além disso, capacidades adicionais por trezentos mil kilowatts, que serão fornecidos pelos equipamentos da União Soviética e que nos permitirão elevar em mais de cinqüenta por cento a nossa capacidade elétrica atual, que já é mais do dobro da que tinhamos antes do triunfo da Revolução.

Já sabemos que precisamos desses recursos básicos para o desenvolvimento econômico, para o próprio desenvolvimento da educação, ainda que tenhamos assinalado a importância fundamental de sabermos usá-los de maneira conveniente e economizá-los.

Analisamos também com a União Soviética planos de desenvolvimento da indústria têxtil, também com o fim de duplicar nossas capacidades nos próximos cinco anos, da indústria de papel, da mineração, da mecanização da cana, de oficinas automotrizes e outros programas em estudo.

Assim, sem dúvida, com um esforço sério e responsável em todos os campos, como se está vendo na educação, temos certeza de que venceremos quaisquer dificuldades que tenhamos e continuaremos em frente.

Também na noite de hoje está presente a delegação do outro pais que teve uma atitude amistosa conosco e tem cooperado no plano da assistência técnica, a delegação da Suécia.

No campo da educação, eles estão nos ajudando na construção de um magnifico Instituto de Eletrônica, muito moderno, com todos os meios materiais. E, também, para a provincia de Las Villas, um Instituto de Refrigeração, que é extremamente importante para nós, e de mecânica especializada.

Também já estamos começando a trabalhar nesse Instituto de Eletrônica. Começa-se a fazer os primeiros esforços no de refrigeração. Temos também e estamos precisando levar adiante construções na Faculdade de Tecnologia da Universidade de Havana, para instalar os equipamentos que temos recebido.

De maneira que, frente às dificuldades, aos obstáculos, frente ao bloqueio imperialista, frente à irritação e ao mau humor dos imperialistas, nós iremos em frente. E sem dúvida que o conseguiremos no ritmo mais rápido possivel, na medida em que melhoremos nosso esforço, em que melhoremos nossos recursos, em que superemos nossas debilidades, nossas deficiências. E nessa caminhada os educadores têm um papel fundamental, mais que definido e expresso no documento do Congresso, um papel decisivo.

Assim, desde já, como dizia esta tarde a alguns delegados, o fruto do esforço de hoje, os verdadeiros frutos do esforço de hoje, na

medida em que realizemos este magnífico programa traçado pelo Congresso, não são frutos próximos.

Dizia-lhes: proximamente teremos só satisfações morais. E nos próximos cinco, dez anos, com essa enorme massa de mais de um milhão de crianças no primário, com essa explosão de mais de cem mil alunos por ano no secundário, na medida em que superemos nossas atuais dificuldades materiais e tenhamos todos os livros, e os melhores livros, e melhores currículos e mais articulados, mais quadros, melhores níveis e maior base material, mais meios audiovisuais, mais mestres e mais escolas, os frutos do esforço traçado neste Congresso e dos esforços do país nos proporcionarão fundamentalmente satisfações morais.

Desde já, os milhões de pessoas que estudam receberão mais que satisfações morais. Receberão uma melhor educação, uma magnífica perspectiva de futuro. As famílias cujos filhos se eduquem cada vez de forma mais eficiente receberão algo mais que satisfações morais. Experimentarão a satisfação e a felicidade de ver para seus filhos essas perspectivas.

Para a economia do país, em bens materiais não haverá frutos agora, mas sim dentro de alguns anos.

E se olharmos para a frente, os melhores frutos deste Congresso, os mais altos, já não só de ordem moral, já não só da ordem dos benefícios diretos de ter uma melhor educação ou a felicidade da família devido a isso, mas também de ordem material, estão a vinte anos de distância, a vinte e cinco ou talvez trinta, quando obtivermos melhores professores dos multigrados de primeiro, segundo e terceiro graus, quando obtivermos muitos dos sonhos a que nos propusemos. Somente dentro de quinze, vinte, vinte e cinco ou trinta anos poderá o país ver os melhores frutos.

Mas ao menos teremos todos grandes satisfações de ordem moral. Nossos mestres e nossos professores, nossos educadores, nossos trabalhadores da cultura e da ciência terão bem-estar moral, terão a felicidade, terão a satisfação do que mais nos preocupa. Porque se vos perguntarmos o que os faria mais felizes nos próximos anos, vocês diriam: esse programa de educação, o cumprimento desse programa, o vencimento e a superação das dificuldades, mais recursos, mais escolas, mais meios, mais quadros, mais apoio!

E estamos seguros que esta massa de quase cem mil educadores irá sentindo maior satisfação e maior felicidade à medida em que vá obtendo esses lucros e à medida que esses lucros resultem do vosso próprio esforço, à medida em que sejam fruto deste Congresso.

Hoje, dentro de alguns minutos, terá terminado este acontecimento mas não devemos declará-lo encerrado. Teremos, apenas, encerrado uma reunião. Aí está o programa, aí estão os acordos. Agora temos que levá-los até o fim. Agora temos que cumpri-los. Por que va-

mos separar-nos da maneira tradicional? Por que deixar de continuarmos considerando-nos o Congresso de Educação e Cultura? Por que não nos considerarmos delegados deste Congresso até o próximo Congresso? Por que não nos declararmos aptos para nos reunirmos em qualquer outro momento em que haja necessidade?

Se estamos contentes, se estamos satisfeitos com esta camaradagem, com esta fraternidade,com esta irmandade; se sabemos que nos esperam grandes tarefas que temos que cumprir, se sabemos que temos que ir cumprindo e controlando essas tarefas, por que não continuarmos a considerar-nos o Congresso? Por que não ter de novo outras oportunidades de nos reunirmos nestes próximos três anos, se não por uma semana às vezes por um dia, dois dias para levar a cabo qualquer política, para discutir qualquer questão, para tratar qualquer problema?

E por isso propomos como o último acordo destas sessões que continuemos considerando-nos o Congresso de Educação e Cultura em atividade e que continuemos considerando-nos aptos e dispostos para voltarmos a nos reunir em qualquer situação, em qualquer circunstância para ver como caminha o programa, como caminha o trabalho, até que dentro de três anos sejam eleitos novos delegados do Congresso.

E por isso perguntamos a vocês se estão de acordo. (APLAUSOS E EXCLAMAÇÕES DE "SIM").

Então, levantem a mão os que estão de acordo. (OS DELEGADOS LEVANTAM A MÃO)

Perfeitamente!

E seguindo o costume do Congresso: há alguém contra? (EXCLAMAÇÕES DE "NÃO")

MUITO BEM!

Então desejamo-lhes, companheiros, os maiores êxitos no cumprimento do programa traçado pelo Congresso.

Pátria ou morte! Venceremos!

notas

Autonomistas – membros do partido do mesmo nome, de cunho liberal, organizado por Rafael Montoro por volta de 1870. Pretendia obter para Cuba um *status* político dentro do império espanhol, a molde do que desfrutavam o Canadá e a Austrália dentro do império britânico.

Anexionistas – predominantemente plantadores de cana-de-açúcar e proprietários de engenhos a quem a anexação de Cuba aos EUA parecia a solução ideal para os problemas enfrentados pela economia açucareira no começo do século: o principal deles era a falta de mão-de-obra decorrente do combate inglês ao tráfico negreiro, além da concorrência do açúcar de beterraba e outros.

Plattistas – partidários da Emenda Platt, inserida na Constituição cubana em 1902, com vigência até 1934. A emenda, em linhas gerais, garantia uma permanente ocupação militar norte-americana em Cuba, que podia, a qualquer momento, estender-se a todo o território da ilha, "no interesse do povo de Cuba", ao arbítrio do presidente norte-americano. Os EUA reservavam-se o "direito de intervir com o fim de manter a independência cubana" e "para manter um governo capaz de proteger a vida, a propriedade e a liberdade individuais". A emenda assegurava, ainda, aos EUA, o direito de comprar ou arrendar terras em Cuba, destinando-as a estações navais ou de abastecimento de carvão. A Cuba era vedado qualquer tratado ou pacto com outras nações que fosse "lesivo à sua independência", ou contrair dívidas públicas cujos juros ou amortizações não pudessem ser pagos com as receitas da ilha. Juridicamente, o Estado cubano estava sob tutela do governo americano. A ilha vivia num regime de semi-integração na economia americana. A partir de 1909, Cuba libertou-se da condição direta de protetorado dos EUA, embora sua total dependência econômica continuasse inalterada. Após 1934, eliminou-se a tutela sobre o Estado cubano. Não obstante, foi mantida a base militar de Guantánamo.

Mambises – nome popular que distinguia os patriotas cubanos insurretos pela independência de Cuba, de 1868 a 1898.

José Martí – escritor e político cubano nascido em 1853, líder e mártir da luta de libertação de Cuba contra a Espanha. Morreu em 1895, durante uma tentativa de expulsão dos espanhóis.

Girón – a 15 de abril de 1961, vários aeroportos cubanos são atacados por uma esquadrilha de aviões procedentes de uma base na América Central. De 17 a 19 de abril dá-se a invasão da baía dos Porcos. A brigada de assalto invasora nº 2.506 desembarca na praia Girón e é derrotada em menos de 72 horas. O presidente John Kennedy reconhece o envolvimento dos Estados Unidos na operação invasora.

Crise de Outubro – durou de 14 a 28 de outubro de 1962. No dia 14, aviões de reconhecimento dos EUA detectaram seis bases de mísseis soviéticos em território cubano. No dia 16, reúne-se o Conselho de Segurança e a 22 de outubro Kennedy anuncia pela televisão de seu país o bloqueio naval de Cuba, a ser iniciado no dia 24. Os entendimentos entre Cuba, Estados Unidos e União Soviética arrastam-se até o dia 27. No dia 28 termina a questão, sendo os mísseis retirados de Cuba.

CDR – Comitês de Defesa da Revolução Cubana
CTC – Central dos Trabalhadores de Cuba
FMC – Federação das Mulheres Cubanas
FAR – Forças Armadas Revolucionárias
ANAP – Associação Nacional dos Pequenos Agricultores, fundada a 17 de maio de 1961. Conta com 250 mil associados, proprietários de aproximadamente 30% da área cultivável do país.
UPC – União dos Pioneiros de Cuba, fundada em 4 de abril de 1961. Conta com aproximadamente 200 mil crianças filiadas.
UJC – União dos Jovens Comunistas, fundada a 4 de abril de 1962, em substituição à União dos Jovens Rebeldes, criada a 21 de outubro de 1960.
INDER e Cultura – Instituto Nacional de Desportos, Educação Física, Recreação e Cultura.
MINED – Ministério da Educação
MINIT – Ministério do Interior
CIA – Central Intelligence Agency, a Agência Central de Inteligência dos EUA.
UPI – United Press International, agência noticiosa fruto da fusão entre a INS, International News Service, e a UP, United Press.
AP – Associated Press.

ÍNDICE

Apresentação 5
Resoluções 9
Condições do Ambiente Social 17
Vinculação lar-escola 18
Relacionamento entre os centros de produção e as escolas da comunidade 19
Modas, costumes e extravagâncias 21
Religião 22
Delinqüência juvenil 25
Sobre a sexualidade 27
Aproveitamento do tempo do aluno em atividades extra-escolares na comunidade 29
Meios de comunicação 30
A atividade cultural 32
Discurso de Encerramento 43
Notas 61

Impressão e Acabamento
MILESI EDITORA LTDA.
Ruá 21 de Abril, 1.154 — Fone: 292-6480
C.G.C. 51.235.208/0001-20 — São Paulo